

- SALAMON, Lester M. (1987), "Partners in public service: the scope and theory of government-nonprofit relations", in W. W. Powell (org.), *The nonprofit sector: a research handbook*. New Haven, Yale University Press, pp. 99-117.
- SALLUM JR., Brasílio & CASARÕES, Guilherme. (2011), "O impeachment do presidente Collor: a literatura e o processo". *Lua Nova*, 82:163-200.
- SCHIERER-WARREN, Ilse. (1999), *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo, HUCITEC.
- SNOW, David & BENFORD, Robert. (2000), "Framing processes and social movements: an overview and assessment". *Annual Review of Sociology*, 26:611-39.
- TATAGIBA, Luciana. (2000), "Analysis of the literature on recent experiences of the participation of civil society in the formulation and implementation of public policy". *Final Report of the Civil Society and Governance Project of IDS* - Institute of Development Studies of the University of Sussex, UK. Disponível em <<http://www.ids.ac.uk/ids/civsoc/final/brazil/brai.html>>.
- TEIXEIRA, Ana Claudia. (2003), *Identidades em construção: as organizações não-governamentais no processo brasileiro de democratização*. São Paulo, FAPESP/Instituto Pólis/Annablume.
- VASQUEZ, Manuel A. (1998), *The Brazilian Popular Church and the crisis of modernity*. Cambridge, UK, Cambridge University Press.
- VERA, Ernesto I. (2006), "Interfaces Socioestatais, prestação de contas e projetos políticos no contexto da transição política mexicana", in E. Dagnino, A. Olvera & A. Panfichi (orgs.), *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo, Paz e Terra, pp. 261-307.
- VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. (2011), *Sindicalismo e democracia no Brasil do novo sindicalismo ao sindicato cidadão*. São Paulo, Annablume.

## A tese da ONG-uização e as mudanças na sociedade civil na América Latina: Cidade do México e São Paulo

Adrian Gurza Lavalle

Natália S. Bueno

**Resumo:** Durante a última metade de século, estudos apontaram o surgimento de novos atores sociais como agentes de democratização social e política na América Latina. A primeira onda de atores foi caracterizada pelo surgimento de novos agentes de transformação social – notadamente os novos movimentos populares. A princípio, a segunda onda, simbolizada pelas ONGs, foi celebrada como o surgimento de uma nova sociedade civil, mas, mais tarde, foi alvo de duras críticas. A literatura muitas vezes retrata este desenvolvimento da sociedade civil latino-americana como uma tendência de deslocamento dos atores da primeira onda pela segunda – “ONG-uização” –, e até mesmo acusa a nova sociedade civil de ser desarraigada ou sem raízes, despolitizada e funcional para a redução de gastos sociais por parte do Estado. Assim, supostamente, a ONG-uização dificultaria a mudança social. Argumentamos que o diagnóstico da ONG-uização é uma descrição equivocada da evolução da sociedade civil. Ao invés de ONG-uização relacionada à despolitização e à neoliberalização da sociedade civil, na Cidade do México e em São Paulo houve uma modernização das ecologias organizacionais acompanhada da diversificação funcional da sociedade civil e, interessante, de especialização orientada a moldar a agenda pública. Argumentamos que tal especialização, em vez de onerar a mudança social, traz consigo repertórios diferentes de estratégias e habilidades desenvolvidas propositalmente para influenciar a política e as políticas. Nosso argumento se baseia em evidência comparada sistemática das ecologias organizacionais da sociedade civil na Cidade do México e em São Paulo, examinadas mediante análise de redes.



## 1. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Especialistas latino-americanos e latino-americanistas, dedicados ao estudo dos atores coletivos e da mudança social, têm apontado para o surgimento de novos atores sociais como agentes de democratização social e política, pelo menos, desde os anos sessenta. Na segunda metade da década de 1980 e ao longo dos anos 1990, os estudiosos comemoraram o surgimento de uma nova sociedade civil comprometida com a democratização dos regimes políticos e com a mudança nos valores de suas próprias sociedades. Esta boa notícia foi precedida por diagnósticos não menos otimistas nos anos 1970 e 1980. Esses diagnósticos apontaram para o surgimento de outros novos agentes – novos movimentos sociais – de transformação social que não estavam subordinados ao roteiro prescrito pelas teorias de luta de classe. Os movimentos sociais eram teoricamente enquadrados como agentes de mudança radical, embora não necessariamente “estrutural”, ou como atores urbanos populares – mais comuns no debate dos países latino-americanos –, ou como atores comprometidos com a expressão das identidades e questões pós-materiais. Enquanto isso, nesta região, menos atenção teórica e pesquisa empírica foram dedicadas a atores tradicionais, tais como as entidades sem fins lucrativos ou as associações comunitárias, que vêm realizando funções relativamente estáveis dentro do universo das organizações civis por um longo tempo.

Apesar da quantidade de trabalhos publicados e pesquisas produzidas sobre a sociedade civil nas duas últimas décadas, ainda sabemos pouco sobre a sua composição real na América Latina e sobre as funções dos novos e dos novíssimos atores sociais dentro de tal composição. Por um lado, movimentos sociais populares foram caracterizados como atores de base, diretamente ligados à população e às suas necessidades. Por outro lado, após o celebrado diagnóstico de um renascimento da nova

sociedade civil na década de 1990, os estudiosos se tornaram ora mais cautelosos, ora céticos ou abertamente críticos (ver Alexander, 1998; Encarnación, 2006; Warren, 2004; Dagnino *et al.*, 2006). Assim, a nova sociedade civil não restou imune à crítica, especialmente quando as ONGs são comparadas com os movimentos sociais populares. A literatura latino-americanista ou regional sobre a sociedade civil amiúde retrata as tendências recentes dos atores coletivos nos países latino-americanos como um deslocamento destes últimos atores pelos anteriores – “ONG-uização” –, e até mesmo denuncia a nova sociedade civil como sendo prestadora de serviços, sem raízes, orientada pelo dinheiro dos doadores, despolitizada e, na pior das hipóteses, simples e infelizmente neoliberal (Kaldor, 2003; Alvarez, 1999; Yúdice, 2004; Silliman, 1999; Petras, 1997). Em última análise, o diagnóstico da ONG-uização está preocupado com tais tendências porque, assume-se, elas oneram em vez de promover a mudança social, além de serem funcionais para a privatização.

Apesar de o aumento das ONGs e, de forma altamente variável, o declínio dos movimentos populares, poder ser identificado como uma tendência na América Latina, esse entendimento é empírica e conceitualmente errado. Empiricamente, é enganoso supor uma tendência substitutiva, como se houvesse duas ondas sucessivas de novos atores sociais, cada uma composta de um único tipo (movimentos populares e ONGs). Isto pouco acrescenta à nossa compreensão da composição real da sociedade civil na América Latina e dos papéis que os novos e os mais novos atores sociais desempenham dentro de tal composição nos cenários pós-transição. Analiticamente, argumentar que o panorama de atores coletivos ao longo das décadas de 70 e 80 era melhor, quando se trata do aprofundamento da democracia, do que o de pós-transição, é tomar como verdadeiras algumas suposições que podem ser insustentáveis. É implicitamente presumido que uma composição específica da sociedade civil, com atores populares ocupando as posições mais importantes, é melhor do que outras composições possíveis. Sem dúvida, os movimentos populares são peças fundamentais nas sociedades latino-americanas pela sua capacidade de expressar o conflito por meio da mobilização e do protesto, mas isto não significa que eles sejam a única maneira de expressar interesses sistematicamente excluídos, tampouco são, *a priori*, mais “autênticos” ou moralmente superiores.

1 Este capítulo foi publicado em Gurza Lavalle & Bueno (2011). Versões preliminares do texto foram apresentadas no International Seminar Metropolis and Inequalities, no Centro de Estudos da Metrópole (março de 2010); no Núcleo de Democracia e Ação Coletiva, no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (maio de 2010 e março de 2011); e no Blar Institute Development and Inequality in the Global South (junho de 2010). Agradecemos a todos os participantes desses eventos e, em especial, a Patrick Heller por seus comentários. Por fim, reconhecemos e agradecemos o apoio financeiro da FAPESP e do INCT/CNPq.



Neste trabalho examinamos empiricamente, por meio de análise de rede, as ecologias organizacionais da sociedade civil nas duas maiores metrópoles latino-americanas. A Cidade do México e São Paulo desempenham importantes papéis econômicos e políticos em seus países, e compartilham níveis semelhantes de desenvolvimento socioeconômico. Mais: alguns dos principais atores envolvidos na mobilização popular dos anos setenta e oitenta são ou eram oriundos dessas metrópoles (Sader, 1988; Singer & Brant, 1980; Alonso, 1988), nelas se hospedaram e uma série de novos atores da sociedade civil lutaram pela democratização durante os períodos de transição (Avritzer, 1995). As cidades apresentam variação em uma dimensão interessante: densidade da sociedade civil. Como a sociedade civil brasileira é muito mais densa ou povoada que a mexicana,<sup>2</sup> é possível avaliar se as tendências latino-americanas descritas pela literatura regional variam de acordo com a densidade. Por exemplo, pode-se pensar que as sociedades civis menos densas seriam mais suscetíveis à ONG-uização, visto que as ONGs enfrentariam menos resistência para substituir outros tipos de organizações. Claro que outras comparações são possíveis na América Latina. No entanto, tínhamos dados comparáveis para essas duas metrópoles que eram adequados para perseguir nossas questões analíticas e empíricas. Mesmo assim, não temos a intenção de generalizar os achados para a América Latina. Em vez disso, usamos nossos casos para a análise empírica de proposições e/ou descrições influentes sobre a sociedade civil latino-americana, e para oferecer uma interpretação alternativa das tendências de mudança nas sociedades civis da Cidade do México e de São Paulo.

Nosso argumento é triplo. Argumentamos que em vez de ONG-uização relacionada com a despolitização e neoliberalização da sociedade civil, em ambas as metrópoles houve uma modernização da sociedade civil, o que não implica uma tendência substitutiva, mas o alargamento das ecologias organizacionais locais pelo aumento de novos e mais novos atores – tais como movimentos sociais e pastorais, no primeiro caso, e ONGs, articuladoras e fóruns, no segundo – ao lado de atores tradicionais, tais como associações de bairro, comitês de bairro, asso-

ciações comunitárias e entidades sem fins lucrativos. Modernização implica que atores tradicionais não mais são centrais dentro das sociedades civis examinadas, independentemente de seus números serem estáveis, diminuir ou aumentarem na população de organizações civis. Argumentamos também que em ambas as cidades tem havido diversificação funcional da sociedade civil, permitindo diferentes papéis para todos os três conjuntos de atores acima mencionados. Atores tradicionais e novos coexistem e as sociedades civis de ambos os países estão envolvidas em papéis tradicionais, como prestação de serviços e ajuda mútua, bem como em papéis novos como a definição da agenda pública e a definição das prioridades nas políticas. Na verdade, os mais novos tipos de atores assumiram papéis imprevistos quando comparados aos papéis tradicionais da sociedade civil na América Latina. Os novos papéis dizem respeito ao novo *status* de um conjunto de atores da sociedade civil. Finalmente, a mais nova onda de atores tem sido capaz de desenvolver especialização, que em vez de onerar a mudança social traz repertórios diferentes e complementares de estratégias e habilidades desenvolvidas propositalmente para influenciar a política e as políticas. A especialização é perceptível em um grupo de organizações não tradicionais da sociedade civil – ONGs e articuladoras – principalmente envolvido na defesa pública de causas (*advocacy*) e na incidência sobre políticas em vez de na prestação de serviços.

Estes argumentos descansam em um conjunto coerente de resultados empíricos comparativos e nas descrições locais disponíveis nas literaturas mexicana e brasileira. Descobrimos que os novos e mais importantes atores (relacionalmente falando) são “os mesmos” em ambas as metrópoles: ONGs, organizações populares e articuladoras (e pastorais, em São Paulo). Nenhum tipo de organização civil tradicional é central: entidades sem fins lucrativos, associações de bairro e comunitárias são menos importantes ou claramente periféricas. Entre os atores mais centrais, aqueles que pertencem à onda da nova sociedade civil – especialmente ONGs e articuladoras – tornaram-se o principal alvo do repertório de vínculos enviados pela maioria das outras organizações civis. Diferentemente de outros tipos de organização civil, as ONGs apresentam isomorfismo relacional em ambos os contextos. Ademais, articuladoras, organizações criadas para representar os interesses e promover a agenda

2 De acordo com os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o cadastro exigido pela Ley Federal de Fomento a las Actividades Realizadas por las Organizaciones de la Sociedad Civil.



de outras organizações civis da sociedade civil e *vis-à-vis* o Estado, são relacionalmente acopladas às ONGs. Por sua vez, os atores da mobilização popular – organizações populares –, outrora novos, ainda mantêm suas posições privilegiadas nas duas cidades, mas sua relevância é peculiar: Eles têm protagonismo restrito, isto é, uma posição importante na estrutura geral da rede que não tem correspondência direta com o repertório de vínculos enviados por outros tipos de atores.

Os dados foram coletados durante mais de seis meses de trabalho de campo intenso em cada cidade, em 2003 e 2002. Ecologias organizacionais empiricamente encontradas em ambos os contextos são analisadas por meio dos padrões de centralidade dos diferentes tipos de atores e dos vínculos intencionais e repertório relacional entre eles. Ecologias organizacionais são feitas de organizações; por isso, não examinamos expressões informais e espontâneas de ação coletiva. Por exemplo, no caso dos movimentos populares, trabalhamos com as suas organizações principais: as organizações populares. Por padrões de centralidade entendemos um conjunto de medidas de análise de redes sociais, que visam identificar os atores mais relevantes e, em certo sentido, mais poderosos. Mantemos as ecologias organizacionais completas para calcular as medidas da nossa rede, mas, por causa de nosso objetivo de análise, apenas as novas organizações civis presentes em ambos os contextos serão cuidadosamente analisadas. Embora os dados relacionais examinados retratem um momento único no tempo, a caracterização dos atores com base na literatura local permite a identificação de quem novos eles são em termos dos papéis emergentes que vieram a ocupar em cada contexto. A fim de evitar repetições tediosas, usamos “atores sociais” e “organizações civis” alternadamente.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na próxima seção, caracterizamos o diagnóstico da ONG-uização e as duas ondas de novas organizações da sociedade civil. A terceira seção apresenta brevemente nossa estratégia analítica e as características dos dados. Em seguida, apresentaremos a ecologia organizacional encontrada na amostragem das duas cidades. A quinta seção concentra-se nos resultados e oferece um diagnóstico relacional das ecologias organizacionais encontradas na Cidade do México e em São Paulo. Finalmente, apresentamos um relato das mudanças dentro da sociedade civil nessas cidades e mon-

tramos as deficiências da tese da ONG-uização da sociedade civil e do argumento da despolitização.

## 2. ONG-UIZAÇÃO E AS ONDAS DOS NOVOS E DOS MAIS NOVOS ATORES SOCIAIS

Na segunda metade do século XX, duas ondas sucessivas de novos atores sociais estouraram na cena política latino-americana: dos movimentos populares urbanos e da nova sociedade civil (Castells, 1974a, 1974b; Borja, 1975; Touraine, 1977, 1987; Cohen & Arato, 1992; Alvarez, Dagnino & Escobar, 1992; Feinberg, Waisman & Zamosc, 2006). Estudiosos latino-americanos e latino-americanistas observaram novas características promissoras dessas duas ondas de atores como agentes da mudança social (Alvarez, Dagnino & Escobar, 1998). Os movimentos populares foram retratados como atores profundamente enraizados socialmente, com base na participação de cidadãos comuns e capazes de pressionar distributivamente as políticas e o gasto, desafiando assim desigualdades e exclusão social. Por sua vez, a nova sociedade civil apresentaria agendas universalistas de direitos, expressando processos de democratização cultural e política das sociedades latino-americanas. Após alguns anos de expectativas elevadas, a literatura começou a apontar limitações e esgotamento de ambas as ondas. Em termos gerais, os movimentos sociais teriam eclipsado, o que significava terem sido cooptados ou derrotados pela política partidária à época ou depois das transições, ou terem se tornado mais e mais institucionalizados e profissionalizados. Os estudiosos ficaram progressivamente desconfiados da crescente importância das ONGs na sociedade civil, já que as ONGs cada vez mais assumiram a implementação de políticas nacionais e subnacionais e projetos de intervenção financiados por doadores internacionais.

Não raro, a literatura regional sobre a sociedade civil descreve a relação entre as duas ondas de novos atores na América Latina como um deslocamento ou substituição: “Em suma: as ONGs podem ser consideradas o sucessor ‘domesticado’ dos ‘novos’ movimentos sociais dos anos 1970 e 1980” (Kaldor, 2003: 94). As ONGs são consideradas “domesticadas” em comparação com os “selvagens” movimentos sociais devido às características de sua definição: profissionalização, falta de enraizamento, defesa



em nome de terceiros, dependência de doadores ou de financiamento do Estado. Portanto, a “ONG-uização [...] contribui para o enfraquecimento da esfera pública, precisamente o oposto da intenção dos movimentos sociais” (Yúdice, 2004: 77). Além disso, ONG-uização pode implicar tanto a despolitização como a neoliberalização da sociedade civil, pois as ONGs funcionam não apenas como substitutos para a própria sociedade civil, mas também assumem papéis que são funcionais para a privatização, o ajuste social, a redução de despesas estatais e as agendas de agências multilaterais e dos doadores. Isso pode ocorrer porque a “ONG-uização vinculou [...] a promoção ativa do neoliberalismo global e nacional à sanção oficial de determinadas formas e práticas organizacionais” (Alvarez, 2009: 179);<sup>3</sup> ou porque, pela sua própria natureza, as ONGs borram as fronteiras entre o público e o privado, ou, no pior cenário possível, porque “as ONGs se tornaram a ‘cara comunitária’ do neoliberalismo, intimamente ligadas aos que estão no topo e complementando o trabalho destrutivo destes com projetos locais” (Petras, 1997: 11).

O diagnóstico da ONG-uização é uma afirmação sobre a importância crescente das ONGs entendidas como tendência substitutiva ou deslocamento, pois os movimentos populares teriam declinado e a mobilização popular, diminuído. Acima de tudo, claro, o diagnóstico da ONG-uização é um alerta. Ele revela e denuncia duas ordens de supostos perigos em curso. Em primeiro lugar, a profissionalização, institucionalização e dependência de doadores das ONGs deixaria pouco espaço para trabalho de base e posições radicais, e levaria à priorização da eficiência, da prestação de serviços e dos projetos planejados em suas atividades. Portanto, a relevância das ONGs equivale à despolitização da sociedade civil onerando a mudança social. Em segundo lugar, ONGs orientadas pela prestação de serviços tornaram-se funcionais para a privatização e ajuste estrutural das funções do Estado. Doravante, chamamos essas duas ordens de perigos em curso de teses da despolitização da sociedade civil e da neoliberalização, respectivamente.

Como será mostrado, é claramente enganoso presumir uma tendência substitutiva. Além disso, os resultados da análise de redes não suportam a tese de despolitização e, embora a tese da neoliberalização

não possa ser devidamente tratada aqui, porque outro tipo de evidências seria necessário, nossos resultados sugerem que ela parece ser exagerada.

Baseando-se nas literaturas mexicana e brasileira, principalmente nos estudos dos movimentos sociais e da sociedade civil como campos acadêmicos, os parágrafos seguintes examinarão cuidadosamente os papéis dos novos e mais novos atores sociais pertencentes às duas ondas dos anos 1970, 1980 e da década de 1990 em diante, respectivamente. Como literaturas nacionais tendem a ser particularmente atentas à variação empírica, elas são uma boa fonte para compreender o papel dos novos atores, quão novos são eles e qual a sua novidade em relação aos diferentes contextos. Além disso, dado que a evidência da análise de rede é estrutural e não fornece qualquer esclarecimento sobre o conteúdo da rede ou dos fluxos, contamos com a literatura local para a narrativa sobre a novidade dos atores e seus papéis. Assim, a leitura e interpretação das medidas relacionais, na última seção deste artigo, apoiam-se fortemente na leitura extensiva e síntese dessas literaturas. Em alguns aspectos, descrições locais ocorrem em paralelo ao entendimento das mudanças e curso na sociedade civil como uma tendência substitutiva, mas afastam-se desse entendimento em vários aspectos importantes e, portanto, merecem atenção.

Embora organizações populares e ONGs pertençam a essas ondas, o conjunto de atores novos examinados inclui articuladoras, fóruns e pastorais, porque eles foram empiricamente encontrados nas amostras como conforme as literaturas locais, pertencem às duas novas ondas. A composição completa das ecologias organizacionais, que também inclui organizações civis tradicionais, é descrita na seção seguinte, mas apenas os agentes pertencentes a estas duas ondas são analisados na presente seção.

### ONGs

No Brasil, as ONGs correspondem a organizações civis conhecidas na literatura anglo-saxônica como ONGs de *advocacy* – dedicadas a publicamente defender e promover as demandas e necessidades de terceiros ou questões consideradas de interesse geral. Em suas origens, nos anos da transição democrática, e ainda sem serem conhecidas publicamente como ONGs, elas foram concebidas como organizações de assessoria e apoio aos movimentos sociais, fundadas por militantes de classe

<sup>3</sup> É importante frisar que o termo onguização foi, aparentemente, cunhado por Alvarez. O trabalho recente da autora revisita a tese da onguização.



média e profissionais. Existe um amplo consenso na literatura brasileira sobre o fato de as ONGs terem descartado essa missão de suporte inicial, ganhando autonomia de ação por intermédio do desenvolvimento de perfis orientados para a *advocacy* (Landim, 1996; Fernandes, 1994; Scherrer-Warren, 1996).

Conforme o tempo passava, as ONGs tornaram-se atores de destaque no cenário da ação coletiva na década de 1990, hábeis em influenciar políticas e opinião públicas. Na verdade, há um consenso na literatura brasileira sobre as principais características e novidades das ONGs, uma combinação de estratégias distintas, compromissos e habilidades. De acordo com Landim, as ONGs apresentavam

[...] uma forte vocação para atuar no campo da política, investimento na mobilização da opinião pública, no lobby, na defesa dos interesses ditos na esfera pública [...]. Esse tipo de ação pressupõe que as ONGs devem desenvolver a capacidade de estabelecer interações, parcerias, formas de comunicação e cooperação [...] [para realizar] seu papel tradicional de multimediadoras sociais (Landim, 1996: xiv).

A este respeito, a literatura brasileira traça uma linha divisória clara entre as ONGs e as organizações sem fins lucrativos, e tende a associar as primeiras com uma vocação democratizante e as últimas com prestação de serviços como a principal linha de trabalho (Carvalho, 1998; Paoli, 2003). Assim, “ONG-uização” também tem outro significado na literatura local: é usada para destacar as mudanças no discurso das entidades sem fins lucrativos em uma tentativa de aparecerem publicamente como ONGs.

No México, a literatura indica a especificidade das ONGs introduzindo a distinção entre organizações sociais e civis.<sup>4</sup> A distinção estabelece a diferença entre atores populares, cujos membros são também os beneficiários da sua ação, e os atores que trabalham para terceiros definidos em termos de um público-alvo, respectivamente (Pliego, 2001). A diferenciação entre as organizações civis, ou seja, entre ONGs e outras organizações de serviços tradicionais, tais como de entidades sem fins lucrativos, é menos enfática no México do que no Brasil. No entanto, a literatura sobre organizações civis indica um subconjunto de organizações inovadoras que, em vez do objetivo de prestação de serviços, ten-

dem a politizar demandas, divulgar as causas das minorias e lutar por direitos (Coloumb & Mejorada, 1997) – ONGs nos termos do debate brasileiro. Essas ONGs ganharam visibilidade pública na década de 1980 e foram amplamente reconhecidas na década seguinte, em uma trajetória que é semelhante àquelas de seus pares brasileiros. De acordo com Lucia Álvarez, ONGs mexicanas mudaram sua *raison d'être*. Houve uma “substituição gradual do conceito original de apoio aos movimentos populares como uma justificação para [...] [suas] existências [...], [pela] autonomização crescente da sua ação [...] Profissionalização e uma orientação para a definição de alternativas de políticas sociais” (Álvarez, 2005: 180).

### *Movimentos populares*

Mobilização popular e novos atores populares dos anos 1970 e 1980 foram entendidos pelos estudiosos mexicanos e brasileiros em termos semelhantes. Inicialmente, eles foram concebidos de acordo com perspectivas ortodoxas: os movimentos populares urbanos foram considerados como novos porque, apesar de serem produto das contradições do capitalismo, também atuaram como pontes entre atores dos trabalhadores – notadamente sindicatos e organizações políticas de classe – e atores menos privilegiados com pouco acesso ao Estado (Alonso, 1988; Kowarick, 1988). Essa abordagem marxista logo perdeu para o debate sobre novas identidades como a característica definidora dos novos movimentos. Assim, há trinta anos, os movimentos sociais populares foram entusiasticamente recebidos como formas inovadoras e autônomas de ação coletiva por sua capacidade de desafiar o Estado, pela sua distância relativa em relação aos chamados determinismos macroestruturais e pela capacidade de expressar interesses excluídos das políticas institucionais urbanas. Na capital mexicana, o surgimento de Movimento Urbano Popular (MUP) foi também um sinal de ruptura com os mecanismos corporativistas do Estado mexicano (Durand, 1994; Ramirez, 1988).

Em ambos os contextos, em sintonia com o quadro mais amplo da literatura internacional da região, tem sido afirmado que esses movimentos populares viram a sua importância desaparecer. No Brasil, supõe-se que o refluxo esteja associado à normalização da política e à institucionalização de canais de processamento das demandas. Desencantadas revisões críticas na literatura tornaram-se comuns no final de

4 Incluindo como atores sociais movimentos populares e movimentos sociais. Ver Bolon (1999).



1980, apontando com destaque a desmobilização e cooptação dos atores, combinada com a ingenuidade e otimismo da literatura (Cardoso, 1994). Apesar do diagnóstico de declínio, não há menções claras na literatura local em que a nova sociedade civil ou as ONGs sejam opostos aos movimentos populares (Costa, 1994). No México, o “aparente colapso dos movimentos sociais na década de 1980” (Olvera, 2003: 53) é supostamente devido a fatores de duas ordens: os efeitos do ajuste econômico estrutural na redução do papel do Estado, diminuindo o espaço para os conflitos redistributivos, juntamente com a transição democrática, que produziu um efeito sombra sobre os conflitos não eleitorais (Jiménez, 2007). Por outro lado, cismas dentro do MUP foram causados pela decisão de abraçar a campanha presidencial de Cárdenas (1988) e a filiação posterior de algumas organizações do MUP ao Partido da Revolução Democrática (PRD) (Bolos, 1999; Mejorada & Álvarez, 2003).

### Articuladoras

Articuladoras foram empiricamente encontradas dentro das ecologias organizacionais da Cidade do México e São Paulo. Além disso, elas desempenham papéis novos e pertencem à primeira onda de novos atores sociais na Cidade do México, e à segunda, em São Paulo. Articuladoras são fundadas por outras organizações da sociedade civil com a finalidade de coordenar e articular suas ações. Isso alavanca a capacidade das articuladoras de agregar interesses e atuar como representantes de organizações civis a elas afiliadas perante o Estado e outros atores sociais.<sup>5</sup> Levando em consideração os custos e dificuldades de criação e manutenção de organizações com capacidades assim custosas, a proliferação de articuladoras pode ser considerada uma indicação da maior capacidade de ação dos conjuntos de organizações da sociedade civil que as criaram.

No Brasil, as articuladoras são comumente rotuladas como ONGs, caracterizadas como portadoras de uma lógica distinta da ação baseada em redes e na criação de espaços destinados a coordenar a ação coletiva (Casanova & Chacón, 2000). O fato de as ONGs darem o tom para a des-

crição das articuladoras na literatura local não é acidental: em primeiro lugar, as últimas foram criadas recentemente e seu perfil organizacional não tem antecedentes óbvios; em segundo lugar, não apenas as ONGs são atores frequentemente importantes na fundação de articuladoras, como existem articuladoras influentes de alto perfil que trabalham exclusivamente para as ONGs. Por exemplo, a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), cujas principais tarefas são orientadas no sentido de apoiar, nortear e articular outras organizações civis de esquerda, é um indicador de uma estratégia de fortalecimento institucional de sucesso.

No México, articuladoras emergiram como um novo tipo de ator na cena de ação coletiva quando o MUP e suas organizações populares estavam encabeçando a mobilização social. As articuladoras eram prova da força dos atores do MUP. Na verdade, as articuladoras (*coordinadoras*) e as frentes populares surgiram durante os anos 1970 e 1980 como instâncias de confluência para as organizações populares dentro do movimento popular. Algumas articuladoras populares e frentes populares se destacaram no MUP graças à sua capacidade de mobilização de camadas e atores populares, como a Coordinadora Nacional del Movimiento Popular Urbano (CONAMUP) ou a Frente Nacional en Defensa del Salario, contra la Austeridad y la Carestia (FNDESCAC) (Ramírez, 1988; Isunza, 2001). Como no caso dos movimentos populares, a literatura mexicana aponta que as articuladoras e frentes populares decaíram no final de 1980 e início de 1990 (Bolos, 1999). No entanto, isso não significa que as organizações civis com funções de coordenação tenham desaparecido completamente. Nossas descobertas mostram que as articuladoras mexicanas estão agora acopladas às ONGs.

### Fóruns e Pastorais

Fóruns e pastorais também foram encontrados na pesquisa de campo dentro da ecologia organizacional de São Paulo. Ambos pertencem às ondas dos mais novos e os novos atores sociais, respectivamente. *Grosso modo*, os fóruns estão entre as mais novas organizações civis e eles funcionam como espaços temáticos para coordenação de agendas e adensamento de consenso entre atores envolvidos em temáticas comuns – HIV-AIDS, idosos, saúde básica, reciclagem de resíduos etc. Eles são um tipo

<sup>5</sup> A presença das articuladoras como um novo tipo de ator foi primeiramente apresentado em Gurza Lavalle, Castello & Bichir (2007). Articuladoras são semelhantes às “peak organizations” na literatura anglo-saxã. Ver Skocpol (1992).



de organização civil importante para a construção de redes tematicamente orientadas e para a definição de objetivos comuns de incidência nas políticas e na política. As pastorais apareceram pela primeira vez na década de 1960, quando o Segundo Concílio do Vaticano e a Segunda Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín definiram uma orientação para a intervenção social da Igreja Católica. Elas costumavam trabalhar em estreita colaboração com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e movimentos populares. No cenário pós-transição brasileiro, pastorais ainda permanecem como atores vinculados à Igreja e voltados para temas sociais específicos.

### 3. ESTRATÉGIA ANALÍTICA E CARACTERÍSTICAS DOS DADOS

Nossa análise combina pressupostos básicos gerais da literatura sobre ecologia organizacional e utiliza técnicas metodológicas baseadas em análise de redes. A abordagem utilizada em estudos sobre ecologias organizacionais nos permite perceber os diferentes tipos de organizações como populações, cujas funções, sobrevivência e reprodução – e números dependem de conflitos e complementaridades com outros tipos de organizações e do ambiente institucional mais amplo (Freeman & Hannan, 1989; Hannan, Pólos & Carrol, 2007). Não é nosso objetivo testar as implicações da abordagem da ecologia organizacional. Nós simplesmente baseamos nossa análise no pressuposto básico da ecologia organizacional para mapear as organizações e usamos análise de redes para entender o padrão relacional entre subpopulações de organizações civis.

A análise comparativa entre organizações civis da Cidade do México e São Paulo realizou-se em três etapas. O primeiro passo simplesmente descreve a composição global da amostra. A segunda etapa explora as posições de centralidade médias de cada tipo de organização civil no âmbito da rede de organizações civis como um todo. A terceira etapa analisa o repertório relacional de cada tipo de organização civil, centrando-se nos vínculos intencionais entre pares de atores.

Os dados utilizados neste trabalho são os resultados de duas pesquisas realizadas em 2002 e 2003 na cidade de São Paulo (município), Brasil, e na Cidade do México (Distrito Federal), no México. Ambas as pesquisas utilizaram os mesmos procedimentos metodológicos para definir a amostra: bola de neve (*snowball*) (Scott, 1991; Atkinson, 2001;

Goodman, 1961), gerada com o objetivo de identificar as organizações civis mais ativas que trabalham com setores carentes da população.

Um total de 229 organizações em São Paulo e 198 na Cidade do México foram entrevistadas. Nesta análise, 202 e 169 organizações civis, respectivamente, foram tomadas em consideração. A limpeza dos dados nos levou a excluir algumas entidades entrevistadas devido a duas razões: a definição das fronteiras da rede e a comparabilidade das amostragens. Em São Paulo, 27 organizações não poderiam ser classificadas como organizações civis de acordo com nossos critérios, uma vez que eram, em sua maioria, associações de mercado. Na Cidade do México, 29 entidades entrevistadas não poderiam ser classificadas como organizações civis, e havia também a questão da amostragem – um subconjunto de entidades tiveram suas redes ou cadeias de referências coletados de forma diferente do nosso procedimento padrão. Nossa amostra relacional final é composta de 827 entidades civis em São Paulo, com 1.368 ligações entre elas, e de 601 entidades civis do México, com 1.031 ligações entre elas.

As organizações entrevistadas – líderes ou membros do conselho diretivo – foram solicitadas a citar até cinco organizações às quais estavam ligadas e que foram consideradas as mais importantes para seu trabalho. Esta é uma maneira padrão de coleta de dados sobre análise de redes sociais (Knocke & Yang, 2008; Diani, 2003). Uma vez que as organizações foram convidadas a informar apenas vínculos formais ou informais com outras organizações consideradas como as principais para o trabalho da entidade entrevistada, pode-se inferir que: 1) essas relações são significativas e relevantes para as organizações; 2) os vínculos indicam organizações com as quais os entrevistados ou trabalham efetivamente ou tentam ser associados. Uma advertência final: vínculos entre as entidades são multiplexos (como a maioria dos vínculos sociais), o que significa que pode existir mais de um tipo de relacionamento no mesmo vínculo. Dado nosso questionário, não há nenhuma maneira de distinguir entre vínculos “reais” e vínculos mencionados por causa do prestígio da organização referida. No entanto, levamos em conta esta multiplexidade na interpretação dos resultados.

Nós usamos uma variedade de medidas de rede para avaliar a importância dos tipos de organização em nossa amostra. Medidas de centralidade indicam quão central é um ator, o que significa mostrar



quão proeminente ou “poderoso” ele é na rede, mas existem formas diferentes de determinar a sua centralidade. Centralidade ativa refere-se aos vínculos que um ator cria diretamente com outros atores (*outdegree*), e centralidade passiva refere-se aos contatos diretamente recebidos por um ator (*indegree*). Há também medidas de centralidade indireta e se referem a vínculos não adjacentes, e por isso, indiretos. Centralidade de intermediação (*betweenness*) mede como um ator controla ou media as relações entre pares de atores (díades) que não estão diretamente conectados. Centralidade de dependência (Bonacich) nos permite saber a proeminência de um ator ao ponderando a centralidade dos atores aos quais está ligado – quanto menos “bem relacionados” são os atores aos quais ele está ligado, mais dependentes eles são do primeiro, o que significa que ele é mais proeminente. Ao utilizar todas essas medidas de centralidade, podemos avaliar sua proeminência de diferentes formas, permitindo uma avaliação mais sistemática da sua posição na rede. Além disso, também usamos duas medidas de coesão. Distância mais curta calcula a média do comprimento da distância mais curta (geodésica) entre dois atores, e o número de caminhos mais curtos indica os caminhos mais curtos possíveis que ligam dois atores. Ambas as medidas podem indicar “facilidade” de um ator de acesso a outros atores na rede.

Para aqueles não familiarizados com a análise de redes, deve-se dizer que os resultados absolutos de medidas de redes, com frequência, não são muito intuitivos, e, por vezes, variam com o tamanho da rede ou outras características da rede. Ainda assim, eles capturam e mostram as diferenças de posição relacional entre os atores. É por isso que optamos por apresentar os escores das medidas de centralidade e coesão em relação à média por tipo de organização civil, de modo a tornar mais intuitivas as medidas e mais claro como variam os escores dos diferentes tipos de organizações civis. Deve-se ressaltar que estamos preocupados com a variação de cada tipo de organização civil na rede de acordo com o conjunto das diferentes medidas, em vez de com os escores de cada medida em si.<sup>6</sup>

Mais concretamente, os valores positivos indicam que a pontuação da medida para o tipo específico de organização civil é maior do que a

média, e valores negativos indicam que o resultado da medida é menor do que a média. Por exemplo, uma pontuação de valor 1,7 é 170% maior do que o valor da pontuação média nessa medida, e um valor de pontuação -0,6 é 60% menor do que o valor da pontuação média na medida correspondente. Além disso, reportamos, ao lado do escore, entre parênteses, o ranking dos tipos de organizações civis em cada medida, considerando toda a ecologia organizacional, de modo a mostrar posição geral de cada tipo de organização civil na rede. Assim, um tipo classificado em primeiro lugar tem a maior pontuação em toda a ecologia organizacional (tipos novos e tradicionais), e se o mesmo tipo estiver classificado em sexto lugar significa que existem cinco tipos de organizações civis com melhores pontuações (até mesmo os tipos tradicionais não mostrados aqui).<sup>7</sup> Para analisar os repertórios relacionais, fazemos uso de duas medidas. A primeira medida (vínculos enviados) mostra a porcentagem de vínculos dirigidos a cada tipo de ator dentro do montante total de vínculos enviados pelo tipo de ator examinado. Altas proporções de vínculos enviados por um tipo de ator para outro revelam seletividade relacional forte entre ambos os tipos de organizações civis. A segunda medida (integração) leva em consideração a porcentagem de atores não isolada numa sub-rede composta por um par de tipos (ONGs e articuladoras, por exemplo). Assim, é possível comparar a porcentagem de atores não isolados na rede interna de cada tipo com as sub-redes compostas de pares de tipos. Isto significa que quanto mais elevada a porcentagem de integração, mais ligados são os tipos de organizações civis do para examinado. Finalmente, analisamos o padrão geral das medidas: nenhum argumento é sustentado por uma única medida. Como será mostrado na quinta seção, levamos em conta todas as medidas para descrever e interpretar a posição geral de cada tipo da organização civil na rede.

#### 4. ECOLOGIAS ORGANIZACIONAIS: DENSIDADE E COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Além de identificar no campo uma série de atores que compõem a ecologia organizacional das duas metrópoles, é necessário classificar os

6 A categoria “outros” foi incluída no cálculo das medidas de redes. No entanto, por não ter interesse analítico, ela foi excluída na apresentação dos resultados nas tabelas.

7 Para acesso às tabelas completas, ver Gurza Lavalle & Bueno (2010).



atores e torná-los comparáveis. Como as classificações utilizadas por organizações civis são normalmente objeto de disputa simbólica, essas organizações não foram classificadas com base em suas autodefinições, mas de acordo com critérios objetivos de duas ordens: 1) a relação destas com seus beneficiários, e 2) o perfil distintivo das atividades que normalmente realizam. No primeiro caso, (i) o grupo de beneficiários encarna uma comunidade relativamente limitada ou ilimitada (por exemplo, os moradores do bairro ou os cidadãos, respectivamente); (ii) os membros podem ser indivíduos, ou organizações e atores coletivos, ou segmentos da população; (iii) e os membros ou beneficiários podem ser descritos pela organização civil como membros ou sócios, como público-alvo, ou como comunidade. No segundo caso, a cada tipo de associação corresponde a (i) uma estratégia de ação distintiva e (ii) combinações usuais de atividades orientadas para a demanda e mobilização, prestação de serviços, organização popular ou intermediação entre governo e os beneficiários (Gurza Lavalle, Castello & Bichir, 2008). Ao aplicar esses critérios, concebeu-se a seguinte classificação: ONGs, articuladoras, organizações populares, entidades sem fins lucrativos, associações comunitárias, associações de bairro, comitês de bairro, pastorais, fóruns e “outras” organizações, como categoria residual.<sup>8</sup> A Tabela 1 descreve cada tipo de organização civil. Iremos nos concentrar em ONGs, articuladoras e organizações populares.

De acordo com os critérios aplicados na nossa classificação, as ONGs trabalham geralmente em nome de beneficiários definidos em termos de uma unidade relativamente irrestrita, compostas por alguns setores ou segmentos da população, vistos não como membros ou sócios, mas como seu público-alvo – como, por exemplo, crianças vítimas de violência familiar. Suas estratégias distintivas de atuação são geralmente a tematização pública de problemas. Elas concentram suas atividades em combinações variáveis de prestação de serviços e de intermediação entre autoridades públicas e sociedade.

Articuladoras, diferentemente das ONGs, trabalham em nome de beneficiários definidos em termos de unidades restritas – tipicamente

afiliados. Os membros das articuladoras costumam ser organizações civis ou atores coletivos. Seu conjunto distintivo de atividades combina principalmente a conexão e a coordenação de atores sociais e iniciativas, bem como a representação e intermediação de interesses dos seus membros.

Como a definição de organizações populares e sua relação com o conceito de movimentos sociais e populares não é óbvia, devemos fazer algumas observações. É difícil utilizar o conceito de movimentos populares na investigação empírica quando se trabalha com uma abordagem organizacional, como é o caso do presente trabalho. O conceito de movimentos populares tem sido utilizado tanto na definição de atores específicos, com estrutura organizacional própria e geralmente com capacidade para desafiar o Estado – por exemplo, Movimento dos Sem Terra (MST-Br), Antorcha Popular (Mx) –, quanto na unificação simbólica de conjuntos dispersos de atores e de iniciativas individuais e coletivas em função de afinidades e significados compartilhados a respeito de determinados assuntos ou causas – por exemplo, movimento negro, movimento por moradia etc. Assim, o universo de atores aqui definido como organizações populares corresponde apenas ao primeiro significado do conceito: como organizações e não como movimento. Assim, organizações populares, de acordo com nossa classificação, à semelhança das ONGs, trabalham em nome de beneficiários definidos em termos de unidade ilimitada, entendida comumente como segmentos da população (por exemplo, exigindo, em nome desse segmento, direito a moradia); entretanto, diferentemente das ONGs, esses beneficiários são os grupos sociais e comunidades que as organizações populares mobilizam, em vez de públicos-alvo. E, também diferentemente das ONGs, a combinação específica das atividades das organizações populares lança mão principalmente do protesto e da mobilização.

<sup>8</sup> Para uma exposição detalhada e abrangente dos critérios assim como sua aplicação, ver Houtzager, Gurza Lavalle & Acharya (2003).



TABELA 1  
CLASSIFICAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES CIVIS – CIDADE DO MÉXICO E SÃO PAULO

TIPO DE ORGANIZAÇÃO CIVIL	BENEFICIÁRIOS	ATIVIDADES DISTINTIVAS
ONGS	(i) Unidade irrestrita (ii) Segmento da população (iii) Público-alvo	(i) Debate Público; Propostas (ii) Demanda; intermediação
ARTICULADORAS	(i) Unidade restrita (ii) Organizações e atores coletivos (iii) Membros	(i) Conectar atores e iniciativas <i>SOCIAIS</i> (ii) Demandas/ mobilização; intermediação; representação dos seus membros
ORGANIZAÇÕES POPULARES	(i) Unidade irrestrita (ii) Segmento da população (iii) Comunidade	(i) Protesto (ii) Demandas/ mobilização; intermediação
FÓRUNS	(i) Unidade irrestrita (ii) Organizações e atores coletivos (iii) Membros ou comunidade	(i) Fomentar debate comunitário; conectar atores e iniciativas <i>SOCIAIS</i> (ii) Planejar agenda de questões de comunidades; coordenação entre atores
PASTORAIS	(i) Unidade irrestrita (ii) Segmento da população (iii) Público-alvo	(i) Assistência definida de acordo com vulnerabilidades (ii) organização de base
SERVIÇO SEM FINS LUCRATIVOS	(i) Unidade restrita (ii) Indivíduos (iii) Público-alvo	(i) Assistência definida de acordo com vulnerabilidades (ii) Fornecimento de serviços
ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS	(i) Unidade restrita (ii) Indivíduos (iii) Membros	(i) Ajuda mútua (ii) Fornecimento de serviços
ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO	(i) Unidade restrita (ii) Indivíduos (iii) Membros ou comunidade	(i) Encaminhar demandas locais ou ajuda mútua (ii) Organização de base; demandas/ mobilização; Fornecimento de serviços
COMITÊS DE BAIRRO	(i) Unidade irrestrita (ii) Indivíduos (iii) Membros ou comunidade	(i) Encaminhar demandas locais ou ajuda mútua (ii) Intermediação; organização de base; demandas/ mobilização

Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor:  
Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico

A Tabela 2 mostra a distribuição dos tipos em nossas amostras. As composições da ecologia organizacional em ambas as cidades convergem em grande medida, mas não há correspondência perfeita e existem atores que aparecem em apenas um dos contextos (comitês de bairro, no caso da metrópole mexicana, e fóruns e organizações pastorais, no caso de São Paulo). É importante ressaltar que há diferentes razões para as respectivas ausências em ambas as cidades. Comitês de bairro só existem na Cidade do México porque eles são um subproduto da Lei de Participação Cidadã, enquanto fóruns e pastorais, mesmo que existam em ambas as cidades, devem ser menos comuns na Cidade do México e, por isso, foram colhidos pela amostragem de bola de neve apenas em São Paulo.

Embora as ecologias organizacionais de ambas as cidades convirjam, a densidade da sociedade civil no México e no Brasil é bastante divergente. Como mencionado anteriormente, na amostra buscamos organizações ativas, e a composição da sociedade civil ativa parece ser semelhantes em ambas as metrópoles. No entanto, o contexto mais amplo é contrastante. Embora não existam listas universais confiáveis no México ou no Brasil, números oficiais disponíveis são impressionantes: em 2010, o registro oficial de organizações da sociedade civil contém 12.324 organizações no México, enquanto, em 2005, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística reportou 338.000 (Hevia, 2010; IBGE, 2008). Outros registros oficiais mexicanos apresentam valores semelhantes, cerca de dez mil organizações civis, enquanto as marcas brasileiras poderiam ser maiores, até quinhentas mil de acordo com fontes não oficiais (Hevia, 2010; Teixeira, 2002).

Na verdade, a amostra revela mais tipos de organizações civis pertencentes às duas ondas de novos atores em São Paulo do que na Cidade do México. A Tabela 2 apresenta a distribuição da classificação nas amostras. Associações tradicionais de base territorial são o tipo prevalente na amostra em ambos os contextos: associações de bairro em São Paulo e comitês de bairro e associações de bairro somados na Cidade do México. As ONGs são o segundo tipo mais frequente de associação, seguindo de perto as associações de base territorial. Articuladoras são mais frequentes do que as organizações populares, mesmo que estejam pelo menos 10 pontos percentuais abaixo das ONGs e das associações de base territorial. Uma diferença interessante, entre os tipos



mais comuns, é a maior presença de organizações populares na Cidade do México (que ocupa o quinto lugar como o tipo mais frequente), em comparação com São Paulo (onde ocupa a sétima posição). Note-se que entidades sem fins lucrativos, um tipo tradicional de organização civil, também são bastante frequentes, com proporções semelhantes às das articuladoras. Finalmente, é importante ressaltar que os tipos específicos de cada de contexto representam mais de 10% em São Paulo e cerca de 17% na Cidade do México.

Por uma questão de clareza, deve-se notar que não somos capazes de analisar todas as medidas das organizações populares na Cidade do México. O procedimento de amostragem nos levou a entrevistar apenas duas entidades que foram posteriormente classificadas como organizações populares, embora várias delas tenham sido capturadas por meio das cadeias de referências. Isto significa que não podemos analisar as medidas que exigem maior variabilidade de organizações entrevistadas, apesar de sermos capazes de analisar medidas que dependem das citações ou referências que outras organizações fizeram de organizações populares – que, por sua vez, não foram entrevistadas, mas foram incorporadas à rede de organizações da sociedade civil em ambos os contextos.

TABELA 2  
DISTRIBUIÇÃO DE TIPOS DE ORGANIZAÇÕES CIVIS NOVAS E TRADICIONAIS –  
CIDADE DO MÉXICO E SÃO PAULO

ORGANIZAÇÕES CIVIS	CIDADE DO MÉXICO	SÃO PAULO	EXEMPLOS	
	%	%	Cidade do México	São Paulo
TIPOS NOVOS E MAIS NOVOS				
ONGs	27,1	22,5	Amnistia Internacional; Católicas por el Derecho de Decidir; Ama la Vida AC	Instituto Pólis; Ação Educativa; Grupo Corsa
Articuladoras	13,8	12,5	Coalición Internacional Hábitat América Latina; Red Democracia y Sexualidad; Convergencia de organismos civiles por la democracia	Associação Brasileira de ONGs (Abong); Fundação Abrinq; Rebraf
Organizações Populares	6,3	2,4	Madres Antinucleares Veracruzanas; Central Independiente de Obreros Agrícolas y Campesinos (COAC); Barzón movimiento jurídico	MST; Movimento de Moradia do Centro; Unificação de Lutas de Cortiços
Fóruns	---	9,2	---	Fórum Municipal de Saúde, Fórum DCA, Fórum Lixo e Cidadania da Cidade de SP
Pastorais	---	2,5	---	Pastoral da Criança, Pastoral Carcerária da Arquidiocese de SP; Pastoral da Moradia
TIPOS TRADICIONAIS				
Serviço Sem Fins Lucrativos	8,7	9,2	Voluntariado de Vicentinas San Vicente de Paul; Fundación pro niños de la calle; Vida y familia AC	Lar Altair Martins; Centro Social Leão XIII; Serviço Social Perseverança
Associações Comunitárias	2,7	8,9	Alcohólicos anônimos; Mujeres Artesanas de Tláhuac; Desarrollo Integral de Tlalpan A.C.	Clube de Mães Coração do Amor; Espaço Cultural São Mates; Ass. Deficientes Físicos de Sapopemba
Associações de Bairro	9,7	24,5	Unión de colonos de San Miguel Teotongo; Comunidad de la Delegación Tlalpan; Asociación de vecinos del barrio de la soledad	Soc. Amigos de Vila Sabrina; Soc. Amigos de Vila Alpinas; União do Moradores do Parque Bristol
Comitês de Bairro	17,3	---	Comité Vecinal Estrella; Comité Vecinal San Francisco Xicotitla; Comité Vecinal Santa Maria de la Rivera	---
Outros	14,5	8,2	---	---
n	601	827		

Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico



## 5. DAS ECOLOGIAS ORGANIZACIONAIS ÀS REDES DE ORGANIZAÇÕES CIVIS

Em ambos os contextos, o conjunto das organizações civis mais centrais é composto de novos atores que povoaram a cena da ação coletiva após a década de 1960: as ONGs na Cidade do México, articuladoras e organizações populares em ambas as metrópoles, e pastorais em São Paulo. Como já foi mostrado aqui, a presença dos dois primeiros tipos, ONGs e articuladoras, é mais recente – a partir da década de 1990 –, enquanto as organizações populares (e pastorais) surgiram nas décadas de 1970 e 1980. Três advertências importantes se aplicam. Em primeiro lugar, embora as organizações mais centrais coincidam em ambas as cidades, isso não significa teórica nem logicamente que os padrões de relacionamento em cada tipo de organização devam ser os mesmos em ambos os contextos. Em outras palavras, é possível ter um papel central, quer por razões semelhantes ou diferentes. Em segundo lugar, ao analisar as diferenças, vale a pena ter em mente que, embora haja variação em termos de pontuação dentro dos tipos mais centrais, os seus resultados tendem a ser maiores e mais próximos do que os escores de tipos de organizações civis não centrais (a maior parte dos quais não mostramos neste capítulo). Em terceiro lugar, deve notar-se que concentramos a nossa análise nos tipos de entidades presentes em ambas as metrópoles.

### *Isomorfismo relacional das ONGs*

As ONGs em ambas as metrópoles têm padrões muito semelhantes a respeito dos seus repertórios relacionais. Apesar de suas posições gerais na rede não serem semelhantes, é possível falar de isomorfismo relacional. Este isomorfismo refere-se ao ator que recebe a maioria dos vínculos de todos os tipos de organizações civis em ambas as metrópoles e apresenta seletividade relacional forte com articuladoras. O isomorfismo das ONGs pode sugerir conjecturas a respeito dos efeitos de fatores comuns supranacionais, tais como o financiamento internacional e suas consequências sobre o perfil funcional de ONGs – a necessidade de profissionalização, especialização temática, e adoção do projeto como uma unidade básica de organização do trabalho. Entretanto, nossos resultados contestam o diagnóstico que geralmente acompanha a denúncia dos fatores internacionais que impulsionam o crescimento das ONGs,

notadamente, ou suposto isolamento das ONGs com respeito a outros atores da sociedade civil, especialmente daqueles com fortes ligações com setores pobres ou populares. Na verdade, se de um lado as ONGs se destacam porque favorecem vínculos entre si (homofilia) e com outros atores altamente centrais, de outro lado, elas também são o único tipo de ator que estabelece vínculos com todos os tipos de atores – além de ser o ator preferido por outros tipos de organizações, incluindo as associações tradicionais de base territorial.<sup>9</sup>

Como se pode ver na Tabela 3, as ONGs têm uma posição marcadamente proeminente nas redes de organizações da sociedade civil no México. Elas são o tipo mais ativo de organização em termos de centralidade ativa (estão em primeiro lugar, com uma pontuação de 32% acima da média), bem como o tipo mais favorecido de ator na recepção de vínculos (elas também ocupam o primeiro lugar nessa medida, com uma pontuação 24% maior do que a média). A posição privilegiada das ONGs pode ser observada na facilidade com que acessam a rede como um todo, pois elas têm os caminhos geodésicos médios mais curtos (estão em primeiro lugar), além de terem o maior número de caminhos geodésicos (também estão em primeiro lugar). As ONGs também apresentam uma alta capacidade de intermediação (compartilhando o primeiro lugar com articuladoras, com uma pontuação 35% maior do que a média) no universo das organizações como um todo.

É interessante notar o padrão homofílico dos vínculos estabelecidos pelas ONGs mexicanas: cerca de 42% dos seus vínculos são com elas mesmas (ver Tabela 5). Articuladoras são o tipo com o qual elas têm as relações mais frequentes (e vice-versa, com cerca de 21% dos vínculos das ONGs enviados para articuladoras e cerca de 35% dos vínculos das articuladoras enviados para ONGs), o que é surpreendente, tendo em vista a afinidade original das articuladoras na Cidade do México com os movimentos populares. Na verdade, há uma clara seletividade recíproca entre ONGs e articuladoras, revelando uma estratégia relacional recíproca. A importância das ONGs se reflete em seus repertórios relacionais, pois apenas as ONGs e as articuladoras estabelecem vínculos com todos os outros tipos de organizações nas redes da sociedade civil. Mais: em termos de

9 Para uma crítica empírica do diagnóstico de que as ONGs não possuem “social embeddedness” com evidências das principais cidades brasileiras, ver Koslinski & Reis (2009).



vínculos recebidos, as ONGs mexicanas são preferidas por todos os atores, com a única exceção das associações de bairro, cujo perfil relacional é marcadamente seletivo e exclusivo. Note-se que as ONGs mantêm vínculos com todos os tipos de organizações civis e são as principais receptoras de vínculos de articuladoras, entidades sem fins lucrativos, associações comunitárias, e, em menor grau, organizações populares.

ONGs na cidade de São Paulo são organizações com centralidade decididamente ativa com um perfil claro de envio de vínculos e estabelecimento de conexões. Na verdade, elas são o tipo de organização com o mais alto nível de centralidade ativa (como se pode ver na Tabela 4, as ONGs ocupam o primeiro lugar na centralidade ativa, com uma pontuação 22% maior do que a média). Em termos de recepção de vínculos e outros indicadores de centralidade e coesão na rede, as ONGs paulistanas têm uma posição intermediária (ficando em quarto e quinto num ranking de oito atores). Neste sentido, as ONGs em São Paulo são diferentes das ONGs na Cidade do México. A única outra medida em que ONGs em São Paulo se destacam é na sua capacidade de gerar dependência (elas ocupam o em terceiro lugar, com uma pontuação 10% maior do que a média).

Conforme visto na Tabela 6, em termos de seus repertórios relacionais, as ONGs em São Paulo também apresentam um padrão homofílico (aproximadamente 33% de seus vínculos são deste tipo). Como na Cidade do México, elas são o segundo tipo de organização civil com o maior grau de homofilia, e elas são o principal destino de seus próprios vínculos (ver primeira coluna da Tabela 6). Elas também revelam a mesma seletividade relacional favorecendo articuladoras como o tipo mais favorecido de organização civil depois delas mesmas (com 19,45% dos vínculos enviados pelas ONGs para articuladoras e 29,59% dos vínculos das articuladoras enviados para ONGs), o que não é surpreendente, tendo em vista a afinidade entre os dois tipos – as articuladoras paulistanas foram criadas por organizações não governamentais. Mesmo que não sejam tão centrais como as ONGs mexicanas, devido à sua posição geral na rede, elas são cruciais para os repertórios relacionais de outros tipos de ator na metrópole paulista.

#### *Protagonismo restrito das Organizações Populares*

Nossos resultados sobre as organizações populares são de duas ordens. Por um lado, e de acordo com sua importância nos anos 1970 e 1980,

elas ainda são agentes altamente centrais. Por outro lado, elas são apenas modestamente relevantes para os repertórios relacionais de outros atores. Mais precisamente, as organizações populares são fundamentais, mas elas expressam um protagonismo limitado, entendido aqui como uma proeminência relacional causada por sua posição estrutural na rede, que não tem correspondência proporcional nos repertórios relacionais dos outros tipos de organização civil.

Embora o número de organizações populares mexicanas entrevistadas na amostra não permita examinar medidas que requerem um conjunto amplo de organizações entrevistadas, deve-se notar que todas as medidas que analisamos para organizações populares mexicanas não se baseiam no número de entidades entrevistadas porque, ou usamos a rede simetrizada, ou as medidas são calculadas com base em vínculos recebidos por todas as organizações populares na amostra, o que representa 6,3% da amostra mexicana (em São Paulo, por exemplo, representam 2,45%, a despeito de um número muito maior de organizações populares ter sido entrevistado).

Organizações populares mexicanas se destacam principalmente na geração de dependência (primeiro lugar no ranking, com uma pontuação 52% maior do que a média). Além disso, o seu acesso a outras organizações é relativamente fácil (baixas distâncias geodésicas médias, classificando em segunda posição). As 38 organizações populares na amostra são apenas modestos receptores de vínculos enviados por comitês de bairro, ONGs e articuladoras (terceira coluna da Tabela 5).

Organizações populares são atores centrais no universo das organizações civis em São Paulo. Sua principal característica é que os outros atores enviam muitos vínculos para elas (ficam em primeiro lugar, com uma pontuação de 145% maior do que a média), mas elas são ativas no envio de vínculos por conta própria (terceiras do ranking, com uma pontuação de 9% maior do que a média). A sua posição na rede conduz a uma elevada capacidade para a mediação (primeira posição) e para a geração de dependência (segundo no ranking). Elas estão posicionadas na rede de modo a ter amplo acesso a outros atores através de caminhos com relativamente pequenas distâncias médias (primeiras na classificação).

O padrão de repertório relacional das organizações populares em São Paulo é diversificado. Elas favorecem relações com as ONGs (25%



do total de seus vínculos enviados), embora as relações homofílicas também sejam importantes (23,44% dos seus vínculos são homofílicos), bem como as relações com articuladoras (12,50% do total de seus vínculos enviados). Além disso, as organizações populares se encontram fortemente integradas com as ONGs (aproximadamente 65% dos atores em sua sub-rede estão conectados) e elas também têm vínculos com as organizações periféricas e intermediárias, como associações comunitárias, entidades sem fins lucrativos e associações de bairro (terceira linha da Tabela 6). Como receptores, as organizações populares não são favorecidas como o principal destino por qualquer outro tipo de ator, exceto por pastorais, embora elas recebam ligações de todos os tipos de organização (terceira coluna da Tabela 6).

#### *Pares relacionais das articuladoras*

Articuladoras apresentam semelhanças surpreendentes em ambos os contextos, confirmando seu perfil como entidades a serviço de suas organizações membros. Em ambas as cidades, não só elas possuem a mesma seletividade relacional favorecendo as ONGs como atores principais em seus repertórios relacionais, mas articuladoras também são os principais atores nas relações enviadas pelas ONGs. Em ambas as metrópoles, o par composto por ONGs e articuladoras é o mais integrado entre os mais de quarenta pares de combinações possíveis entre dois tipos de organização civil em cada contexto (na Cidade do México, 89,43% dos atores em suas sub-redes são conectados e, em São Paulo, 69,55% dos atores). Este acoplamento relacional entre ONGs e articuladoras, entendido como uma estratégia comum de conexões preferenciais, se torna mais evidente quando se observa que as organizações populares são secundárias ou insignificantes no repertório relacional de articuladoras (4,41% e 5,10% de seus vínculos são enviados às organizações populares na Cidade do México e em São Paulo, respectivamente). Vale lembrar que as articuladoras foram, na sua origem, organicamente vinculadas a organizações populares na Cidade do México.

Articuladoras mexicanas são tanto emissoras quanto receptoras de vínculos, mas a sua centralidade passiva é um pouco mais acentuada – de fato, é a segunda maior centralidade passiva após as ONGs (com uma pontuação 20% maior do que a média). Elas apresentam alta capa-

cidade de mediação (primeiro lugar compartilhado com ONGs) e estão inseridas em redes muito densas e coesas, o que reduz a distância em seus caminhos geodésicos (segunda melhor posição). Sua posição privilegiada na rede como um todo também se manifesta no fato de que elas estão entre as organizações que têm um maior número de caminhos mais curtos (terceiro melhor resultado).

Articuladoras mexicanas desenvolveram vínculos para além das suas conexões originais com organizações populares. A centralidade das articuladoras, como seria de se esperar, devido ao seu caráter de organizações que trabalham para outras organizações, está associada à sua conectividade com outros tipos de organizações centrais que não são articuladoras (segunda linha da Tabela 5). No entanto, o fato de que elas são o tipo de organização com o menor número de relações entre si (pelo menos na Cidade do México) é surpreendente: elas apresentam um padrão claramente heterófilo, com apenas 13,24% de seus vínculos enviados para si. Como alvo preferencial em seu repertório relacional, elas preferem as ONGs e, em segundo, as entidades sem fins lucrativos. Mais: como mencionado, a afinidade entre ONGs articuladoras faz com que nesse par exista a sub-rede mais integrada de ambos os contextos. Por outro lado, entidades como organizações populares, comitês de bairro e associações comunitárias são marginais no repertório relacional das articuladoras mexicanas (ver a segunda linha na Tabela 5). Articuladoras são, por sua vez, favorecidas pelas ONGs, mas, apesar da sua centralidade, elas são completamente irrelevantes para as organizações populares, comitês de bairro e associações de bairro (ver a quarta coluna da Tabela 5). De fato, elas sequer estão conectadas com os últimos.

Articuladoras paulistanas são remetentes de vínculos muito ativos, mas também ocupam uma posição importante como receptores de vínculos (segundas no ranking de centralidade, tanto ativa como passiva – Tabela 3). Por sua vez, têm uma alta capacidade de mediação (com uma pontuação 36% maior que a média, ficando em terceira posição) e, ao contrário de suas colegas mexicanas, elas são responsáveis por gerar mais dependência na rede das organizações civis. Articuladoras não são atores especialmente próximos de outros atores e não têm geodésicas médias tão curtas quanto seus pares mexicanos. Embora o seu número



de caminhos mais curtos não esteja entre os piores, elas têm capacidade relativamente limitada se comparada com sua posição central na rede

Articuladoras em São Paulo também apresentam a mesma seletividade relacional: ONGs são seus alvos e a rede entre os dois tipos de organização civil também é a mais integrada nessa metrópole (Tabela 6). No entanto, articuladoras em São Paulo não são heterófilas e são objeto do seu próprio repertório relacional (21,43% de seus vínculos são homofílicos). Além disso, e diferentemente da Cidade do México, articuladoras em São Paulo são o único tipo de organização civil relevante nos repertórios relacionais de todos os outros atores – representam mais de 10% no repertório de vínculos enviados pelos outros tipos organizações civis

#### *Fóruns e pastorais paulistanos*

Fóruns paulistanos não são centrais, e apresentam o repertório relacional mais heterófilo de todos os tipos de atores de ambas as cidades (apenas 12,66% de seus vínculos são homofílicos), o que endossa o seu papel como espaços de coordenação e adensamento de consensos entre os outros tipos de atores. Eles enviam quase metade de seus vínculos para as organizações civis mais novas – ONGs e articuladoras. No entanto, eles são relevantes nos repertórios relacionais das organizações populares, das entidades sem fins lucrativos e das associações de bairro. Novamente, isso reforça sua especialização funcional como espaços que permitem a interação de atores não conectados com afinidades comuns outras que não as temáticas.

Pastorais em São Paulo são centrais em muitas medidas (centralidade passiva, intermediação, distância média e número de caminhos mais curtos), mas registram resultados baixos em outras (sobretudo em dependência e centralidade ativa), e apresentam algumas similaridades interessantes com organizações populares: são prestigiosas (elas estão em terceiro lugar na centralidade passiva) e recebem vínculos de quase todos os tipos de ator, mas não estão entre os atores mais visados nos repertórios relacionais de qualquer outra organização civil – de forma semelhante às organizações populares. Suas relações mais frequentes são com organizações populares (17,14% de seus vínculos totais são enviados para tais organizações).

TABELA 3  
RANKING DAS NOVAS E MAIS NOVAS ONDAS DE ATORES,  
EM RELAÇÃO À MÉDIA GERAL – CIDADE DO MÉXICO\*

TIPOS DE ORGANIZAÇÕES CIVIS	CENTRALIDADE				COESÃO	
	Vínculos Diretos		Vínculos Indiretos		Distância Média <sup>c</sup>	Nº de caminhos mais curtos <sup>a</sup>
	Ativa (grau de emissão) <sup>b</sup>	Passiva (grau de recepção) <sup>b</sup>	Intermediação <sup>a</sup>	Dependência (Bonacich) <sup>a</sup>		
ONGs	0,32 (1)	0,24 (1)	0,35 (1)	-0,31 (4)	0,11 (1)	0,32 (1)
Articuladoras	0,06 (2)	0,20 (2)	0,35 (1)	-0,07 (3)	0,10 (2)	0,01 (3)
Organizações Populares	--	-0,08 (3)	--	0,52 (1)	0,10 (2)	--

Fonte: Project Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico.

\* Todas as medidas foram calculadas com a rede direcionada exceto para dependência (Bonacich), a influência indireta (Bonacich) e a distância média. A média geral para cada medida foi usada como uma categoria de referência (a média geral inclui todos os tipos de entidades descritos na tabela 1). Valores apresentados em cada célula são calculados:  $(x_i/x_j) - 1$ , sendo  $x_i$  a pontuação média da medida para cada tipo e  $x_j$  a média geral para cada medida, considerando-se todos os tipos. Os valores positivos indicam que a pontuação da medida para o tipo especificado é maior do que a média, e os valores negativos indicam que a pontuação da medida é menor do que a média. O número entre parênteses em cada célula representa a classificação do tipo de organização, considerando os sete tipos de organização na Cidade do México.

- a) Apresenta valores apenas para as organizações civis entrevistadas (n = 169).
- b) Apresenta valores para as organizações civis da amostra (n = 601).
- c) Apresenta valores para todas as organizações civis do componente principal (n = 578).



TABELA 4  
RANKING DAS NOVAS E MAIS NOVAS ONDAS DE ATORES,  
EM RELAÇÃO À MÉDIA GERAL – SÃO PAULO\*

TIPOS DE ORGANIZAÇÕES CIVIS	CENTRALIDADE				COESÃO	
	Vínculos Diretos		Vínculos Indiretos			
	Ativa (grau de emissão) <sup>a</sup>	Passiva (grau de recepção) <sup>b</sup>	Intermediação <sup>a</sup>	Dependência (Bonacich) <sup>a</sup>	Distância Média <sup>c</sup>	Nº de caminhos mais curtos <sup>c</sup>
ONGs	0,22 (1)	-0,11 (5)	-0,23 (5)	0,10 (3)	0,00 (4)	0,05 (4)
Articuladoras	0,19 (2)	0,09 (2)	0,36 (3)	0,38 (1)	0,02 (2)	0,01 (5)
Organizações Populares	0,09 (3)	1,45 (1)	0,86 (1)	0,34 (2)	0,10 (1)	0,07 (3)
Pastorais	-0,10 (5)	0,07 (3)	0,49 (2)	-0,29 (8)	0,10 (1)	0,21 (1)
Fóruns	-0,07 (4)	0,01 (4)	-0,35 (6)	0,07 (4)	0,01 (3)	-0,16 (7)

Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico.

\* Todas as medidas foram calculadas com a rede direcionada exceto para dependência (Bonacich), a influência indireta (Bonacich), e a distância média. A média geral para cada medida foi usada como uma categoria de referência (a média geral inclui todos os tipos de entidades descritos na tabela 1). Valores apresentados em cada célula são calculados:  $(x_i/x_j) - 1$ , sendo  $x_i$  a pontuação média da medida para cada tipo e  $x_j$  a média geral para cada medida, considerando-se todos os tipos. Os valores positivos indicam que a pontuação da medida para o tipo especificado é maior do que a média, e os valores negativos indicam que a pontuação da medida é menor do que a média. O número entre parênteses em cada célula representa a classificação do tipo de organização, considerando os sete tipos de organização em São Paulo.

- a) Apresenta valores apenas para as organizações civis entrevistadas (n = 202).  
b) Apresenta valores para as organizações civis da amostra (n = 827).  
c) Apresenta valores para todas as organizações civis do componente principal (n = 775).

TABELA 5  
RELAÇÕES ENTRE PARES DE TIPOS DE ORGANIZAÇÕES CIVIS  
– CIDADE DO MÉXICO\* (%)

Tipos de organizações civis		ONGs	Articuladoras	Organizações Populares	Entidades sem fins lucrativos	Organizações Comunitárias	Associações de Bairro	Comitês de Bairro
ONGs	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	42,83	21,02	5,89	4,91	1,77	5,7	5,5
	Integração	77,3	89,43	75,62	80,93	77,65	73,76	83,2
Articuladoras	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	35,29	13,24	4,41	14,71	2,94	7,35	4,41
	Integração	89,43	46,99	45,45	59,26	44,44	35,46	59,36
Organizações Populares <sup>b</sup>	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	--	--	--	--	--	--	--
	Integração	75,62	45,45	--	60	79,63	83,33	37,32
Serviço sem fins lucrativos	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	29,46	16,07	0	23,21	1,79	2,68	0,89
	Integração	19,07	40,74	40	53,85	51,47	35,45	66,03
Organizações Comunitárias	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	23,08	7,69	0	7,69	15,38	15,38	15,38
	Integração	77,65	44,44	20,37	51,47	18,75	17,57	63,33
Associações de Bairro	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	0	0	0	0	10,34	17,24	72,41
	Integração	73,76	35,46	16,67	35,45	17,57	13,79	61,11
Comitês de Bairro	Vínculos Enviados <sup>a</sup>	2,21	0	5,15	2,21	0,74	10,29	76,47
	Integração	83,15	59,36	62,68	66,03	63,33	61,11	69,23

Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico.

- \* Todas as medidas foram calculadas com a rede não simetrizada e completa de organizações civis (n = 601).  
a) Os valores na linha “Vínculos enviados” não totalizam 100% porque a categoria “outros” não é representada.  
b) Apesar do baixo número de organizações populares entrevistadas (n = 2), o número possível de relações entre ambas as organizações populares e outros tipos de organizações é 70.



TABELA 6  
 RELAÇÕES ENTRE PARES DE TIPOS DE ORGANIZAÇÕES  
 – SÃO PAULO\* (%)

Tipos de Organizações Cíveis		ONGs	Articuladoras	Organizações Populares	Serviço sem fins lucrativos	Organizações Comunitárias	Associações de Bairro	Pastorais	Fóruns
		Vínculos Enviados*	Integração	Vínculos Enviados*	Integração	Vínculos Enviados*	Integração	Vínculos Enviados*	Integração
ONGs	Vínculos Enviados*	33,18	19,45	6,86	4,35	4,81	11,9	3,2	9,84
	Integração	63,44	69,55	65,53	67,18	61,92	61,44	64,25	63,74
Articuladoras	Vínculos Enviados*	29,59	21,43	5,1	5,1	1,53	17,86	4,59	9,18
	Integração	69,55	37,86	43,09	50,84	37,85	47,71	43,55	40,22
Organizações Populares	Vínculos Enviados*	25	12,5	23,44	4,69	1,56	4,69	6,25	14,06
	Integração	65,53	43,09	50	47,92	34,04	37,67	51,22	35,42
Serviço sem fins lucrativos	Vínculos Enviados*	20	11,67	3,89	13,89	4,44	20	1,11	15
	Integração	67,18	50,84	47,92	39,47	42	48,39	39,18	42,11
Organizações Comunitárias	Vínculos Enviados*	23,08	11,54	7,69	6,41	15,38	17,95	3,85	7,69
	Integração	61,92	37,85	34,04	42	24,32	37,55	66,32	68,67
Associações de Bairro	Vínculos Enviados*	7,69	12,31	5,13	9,23	5,64	40	1,54	13,85
	Integração	61,44	47,71	37,67	48,39	37,55	33,99	35,27	38,71
Pastorais	Vínculos Enviados*	8,57	14,29	17,14	0	11,43	2,86	17,14	8,57
	Integração	64,25	43,55	51,22	39,18	33,68	35,27	38,1	22,68
Fóruns	Vínculos Enviados*	27,85	20,25	6,33	3,8	11,39	13,92	0	12,66
	Integração	63,74	40,22	35,42	42,11	31,33	38,71	22,68	17,11

Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico.

### Representando redes de organizações civis e casos ONGs prestigiosas

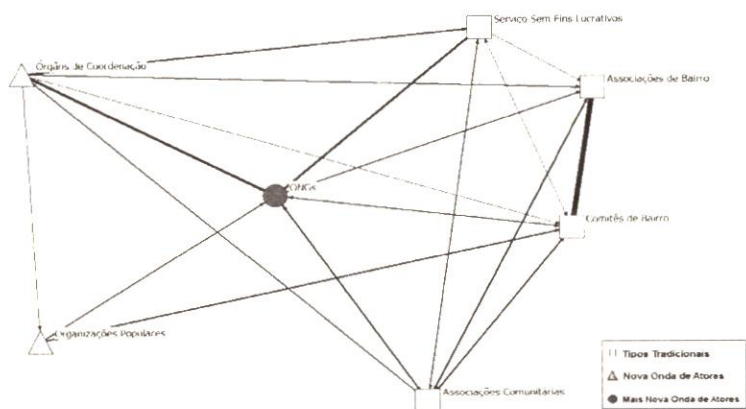
Os sociogramas abaixo pretendem representar os padrões de conexão geral entre todos os tipos de atores encontrados na ecologia organizacional de ambas as metrópoles. Cada tipo de organização civil é representado por um único nó, que concentra todas as entidades que compõem esse tipo de ator. Por exemplo, o nó rotulado ONGs representa todas as ONGs

em cada amostra e o mesmo é verdade para cada tipo de organização civil que está representado nos sociogramas. Os quadrados representam os tipos de atores tradicionais, os triângulos, a primeira onda de novos atores, e os círculos, a segunda onda de atores. Além disso, a espessura das linhas que conectam os tipos de organização civil representa o quão integrado cada par de tipos é – ou seja, a porcentagem de atores não isolados quando estes dois tipos são examinados como uma sub-rede. Isso significa que nem todas as ONGs estão necessariamente ligadas a todas as articuladoras, mas a espessura representa a porcentagem dos que estão conectados. De fato, os sociogramas são simplesmente uma representação visual das medidas de integração já mostradas nas tabelas 5 e 6 e descritas no artigo. Deve notar-se que a posição do nó na rede é arbitrária, deliberadamente escolhida para melhorar a visualização dos sociogramas, o que significa que os nós que estão mais próximos não são mais intensamente ligados. Finalmente, não há nenhuma direcionalidade nos sociogramas: as linhas são puramente usadas para denotar a integração dos tipos.

A visão geral dos sociogramas mostra diferentes padrões de integração para a primeira e segunda ondas de atores. Em ambas as metrópoles, a segunda onda, especialmente as ONGs, é notavelmente integrada com outros tipos de organização civil, não só novos atores, mas também tradicionais. Os sociogramas também mostram que os novos e os mais recentes tipos de organizações civis são mais densamente conectados em São Paulo do que na Cidade do México. Na primeira, novos atores da sociedade civil – ONGs, articuladoras e fóruns –, estão fortemente relacionados entre si e com organizações populares, mas não com pastorais, que ainda mantêm suas conexões com organizações populares. Organizações civis paulistanas apresentam substancialmente mais conectividade entre elas do que seus pares na Cidade do México, sugerindo associação plausível entre essa conectividade, a diversidade de tipos organizacionais nas ondas de novos atores e a densidade das organizações civis na sociedade civil no México e no Brasil. Na Cidade do México, apesar de atores tradicionais e novos estarem conectados, pode-se ver que as organizações populares têm poucas e não muito intensas conexões com outros tipos de organização, mesmo que isso resulte, em certa medida (em razão dos vínculos enviados), mas não totalmente (devido aos vínculos recebidos), do pequeno número de organizações populares entrevistadas.

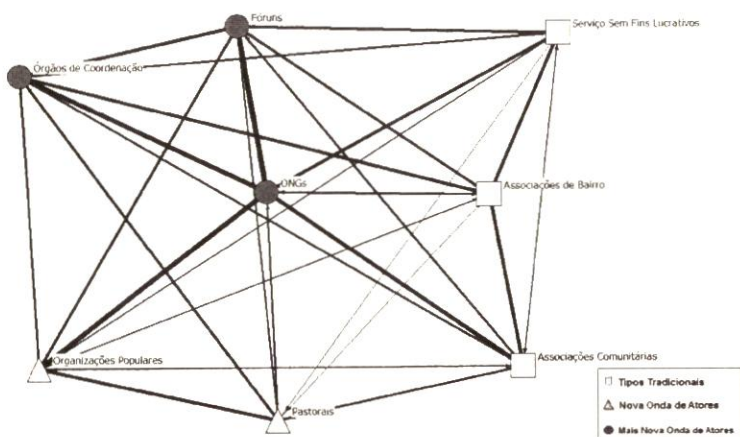


FIGURA 1  
SOCIograma DA SOCIEDADE CIVIL DA CIDADE DO MÉXICO –  
INTEGRAÇÃO E ONDAS DE ATORES



Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico.

FIGURA 2  
SOCIograma DA SOCIEDADE CIVIL DE SÃO PAULO –  
INTEGRAÇÃO E ONDAS DE ATORES



Fonte: Projeto Rights, Representation, and the Poor: Comparing Large Developing Democracies – Brazil, India, and Mexico.

Uma breve descrição de uma ONG emblemática em ambas as metrópoles é útil para permitir uma interpretação mais substancial dos padrões relacionais. Um leitor cético poderia argumentar que a conectividade das ONGs pode ser conduzida apenas pelo fato de que elas possuem recursos, devido ao financiamento dos doadores e, assim, elas são percebidas como atores com quem vale a pena se relacionar (efeitos de prestígio). Resumindo, as conexões podem ser induzidas ou não estarem relacionadas com o enraizamento social. É possível lidar com essa possibilidade por meio da análise de casos altamente emblemáticos de ONGs, cuja centralidade poderia derivar de efeitos de prestígio. Assim, foram selecionadas duas entre as ONGs mais centrais com capacidades altamente desenvolvidas para incidir na política e nas políticas: Pólis (São Paulo) e Centroprodh (Cidade do México).<sup>10</sup> Ambas são ONGs bastante prestigiadas, com escores elevados de centralidade na rede, e representam bem o perfil da nova onda. Elas são selecionadas apenas por essas razões.

Pólis – Instituto de Estudos, Formação Política e Assessoria em Políticas Sociais – é uma ONG emblemática no contexto brasileiro. Pólis foi fundado por profissionais progressistas e de esquerda em 1987, depois da transição, e imediatamente antes do momento crítico da Assembleia Nacional Constituinte. Inicialmente, o Pólis foi fortemente envolvido na formação política de militantes de esquerda, sindicalistas e lideranças populares, e trabalhou para promover emendas populares à Constituição de 1988. Após 1988, Pólis compromete-se com as lutas para a implementação das políticas universais definidas na Constituição e dos conselhos participativos de políticas públicas. Pólis desenvolveu mecanismos para a supervisão e responsabilidade social das políticas e acumulou conhecimento especializado em políticas sociais, política urbana e participação. Ao mesmo tempo, investiu na formação política de lideranças de movimentos populares e sociais para fortalecer seus papéis nos espaços de participação e na criação de espaços para promover a agenda de atores coletivos urbanos excluídos (catadores de resíduos, sem-teto etc.). A combinação de apoio de uma ampla gama de atores sociais com domínio de conhecimento especializado tornou

<sup>10</sup> As ONGs paulistana e mexicana selecionadas estão entre as cinco entidades mais bem posicionadas nas medidas de centralidade analisadas neste capítulo.



possível para o Pólis levar adiante propostas de políticas e incidir na produção legislativa. Em suma, durante o seu tempo de vida, Pólis evoluiu ampliando o espectro e o alcance das atividades realizadas, bem como melhorou notavelmente a sua capacidade de incidência nas políticas, mantendo, todavia, seu compromisso com a participação e mobilização popular e a igualdade social.

O Centro de Derechos Humanos Miguel Agustín Pro Juárez (Centroprodh) também é uma ONG emblemática, no México. Foi fundada em 1988 pela Companhia de Jesus, juntamente com muitas ONGs de direitos humanos criadas por entidades religiosas. Inicialmente, seus membros foram associados com as alas da Igreja Católica simpáticas ou abertamente favoráveis à teologia da libertação. O Centroprodh trabalhou em cooperação com outras ONGs de direitos humanos fundadas pela Igreja Católica, apoiou movimentos sociais de esquerda, atores populares e foi uma forte oposição ao governo, denunciando, por exemplo, a presença de grupos paramilitares em Chiapas, e também ajudando organizações populares de oposição. Em 2001, foi-lhe conferido *status* consultivo no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e também é membro da Rede Nacional de Organizações Cívicas, “Todos los Derechos para Todos”. O Centroprodh está comprometido com a defesa dos direitos humanos, especialmente os dos povos indígenas, mas também de outros grupos de risco. Eles trabalham principalmente na educação e formação, com supervisão e responsabilidade na área dos direitos humanos. Trabalham diretamente com indivíduos e grupos vítimas de violações dos direitos humanos, organizações internacionais e outras organizações mexicanas, como organizações de investigação, e também com o governo mexicano, propondo reformas na segurança pública para promover a promoção e o desenvolvimento de políticas de direitos humanos. Em resumo, o Centroprodh aumentou notavelmente suas capacidades de influência política durante a sua vida, mas manteve ligações fortes com os atores de esquerda e populares.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo abordou o diagnóstico da ONG-uização da sociedade civil latino-americana. Exploramos, mediante a análise de rede, as eco-

logias organizacionais da sociedade civil das duas maiores metrópoles da região. Os resultados aqui reportados mostram que o diagnóstico da ONG-uização corresponde vagamente a algumas características das composições das ecologias e redes de organizações cívicas da Cidade do México e São Paulo, mas contestam claramente a ideia de uma tendência substitutiva, a tese de despolitização e, em menor medida, a tese da neoliberalização. O diagnóstico da ONG-uização parece enfatizar uma interpretação dessas características que é falha.

Há, de fato, uma importância crescente de uma nova sociedade civil, não só feita de ONGs, mas também de articuladoras e (em São Paulo) de fóruns, bem como, de forma muito variável, uma perda de importância dos movimentos sociais. Ambas as tendências são mais fortes na Cidade do México do que em São Paulo, mas estão presentes em ambos os contextos. ONGs estão entre os tipos mais centrais de ator na Cidade do México e são o tipo mais favorecido em termos de repertórios relacionais em ambas as ecologias organizacionais, enquanto organizações populares, e embora entre os atores mais centrais, não são privilegiadas nos repertórios relacionais de outros tipos de ator. Nossa interpretação da ampla gama de resultados apresentados neste capítulo, baseada na caracterização de papéis das organizações da sociedade civil disponível nas literaturas locais, apresenta uma leitura diferente das mudanças na da sociedade civil. Em ambas as metrópoles tem havido diversificação funcional e modernização da sociedade civil, e um subconjunto de organizações da sociedade civil especializou-se e desenvolveu uma divisão de trabalho que melhora sua capacidade de discutir a agenda pública e influenciar a política e as políticas.

A sociedade civil no México e no Brasil passou por uma modernização que não corresponde às tendências substitutivas – ao menos do tipo retratado pelo diagnóstico da ONG-uização –, mas ao crescimento das ecologias organizacionais locais, como se pode ver pela descrição simples de nossas amostras. As sociedades cívicas existentes naquelas cidades não são feitas principalmente de organizações populares ou ONGs – nenhum tipo predomina sobre o outro. Além de organizações populares e ONGs, que fazem parte dos novos e dos mais novos tipos de organizações cívicas, respectivamente, existem pastorais, fóruns e articuladoras que compõem essas duas ondas. Atores dessas ondas coexistem



com atores tradicionais. Além disso, o papel das organizações populares e ONGs depende da presença e da força de diferentes tipos de atores e das interações entre eles.

Sugerir que nessas metrópoles o surgimento das ONGs deslocou os movimentos sociais é desconhecer as implicações da modernização das ecologias organizacionais. As novas e mais novas ondas de atores ocupam as duas posições mais centrais e estruturalmente vantajosas, e algumas posições intermediárias no México e na sociedade civil paulistana (como os rankings nas tabelas 3 e 4 mostram). Não há sequer um tipo tradicional de ator que ocupe posições centrais, nem mesmo de entidades sem fins lucrativos, que têm uma tradição longa e bem estabelecida. Assim, se houver acontecido a suposta tendência substitutiva, ela ocorreu ao longo dos últimos quarenta anos mediante o deslocamento dos outrora dominantes atores sociais tradicionais por um conjunto diversificado de novos atores.

A sociedade civil em ambas as metrópoles é agora funcionalmente mais diversificada do que costumava ser. Atores tradicionais coexistem com os das novas ondas e, portanto, há uma ampla gama de papéis desempenhados pela sociedade civil: tradicionais, cuja legitimidade era tida como certa pelo menos desde o século XIX – ajuda mútua, filantropia, assistência aos pobres –, ao lado de novos papéis, alguns dos quais não são totalmente institucionalizados e, por sinal, ainda levantam suspeita sobre a sua legitimidade – por exemplo, formulação de políticas, representação política, *advocacy*, implementação de políticas. A diversificação de papéis desempenhados pela sociedade civil não é uma consequência automática da modernização em si, mas uma característica contingente empiricamente descoberta ou encontrada. Literaturas locais são enfáticas sobre os novos papéis como um critério de divisão entre atores sociais ou populares e atores civis no México, e as funções de prestação de serviços e funções de defesa de ONGs no Brasil. Curiosamente, a novidade aponta para um novo status da sociedade civil – ou de um subconjunto de organizações da sociedade civil, tais como fóruns, órgãos de coordenação e ONGs – como constelação de atores hábeis e, em certo grau, efetivos na incidência em políticas.

É claro que é possível aceitar a diversificação funcional como uma tendência empírica e ainda assim criticar os papéis abraçados por um ou

vários tipos de organizações civis devido às suas implicações indesejáveis. O diagnóstico da ONG-uização denuncia os efeitos deletérios dos doadores orientando ONGs sem raízes, alertando para a despolitização da sociedade civil. A proeminência crescente de ONGs e seus papéis são retratados como associados a fatores supranacionais e homogeneizadores. Na verdade, encontramos nos repertórios relacionais das ONGs um isomorfismo relacional em ambos os contextos, plausivelmente relacionado com tais variáveis homogeneizadoras. No entanto, isso não significa que a eventual associação entre proeminência das ONG e fatores supranacionais implique necessariamente que as ONGs são agentes da despolitização, ora porque elas próprias seriam despolitizadas, porque orientadas a prestação de serviços ou porque socialmente desengajadas e desarraigadas.

Literaturas locais e nossas descobertas sugerem que as ONGs estão empenhadas em disputar prioridades nas políticas públicas, embora seja difícil saber se elas fazem isso graças a, contra a, ou independentemente da agenda de seus financiadores – e não parece muito útil procurar motivos “justos” ou “legítimos”. Especificamente em relação ao “desenraizamento” das ONGs, nossa análise mostrou que o fato de elas serem relacionalmente relevantes não as leva a se tornarem socialmente desvencilhadas. Na verdade, é possível mostrar que o oposto é verdadeiro: relações domésticas estão positivamente associadas às relações com doadores e agências internacionais (Koslinski & Reis, 2009). ONGs mexicanas e paulistanas são receptoras de vínculos enviados por quase todos os tipos de organização, incluindo comunitárias e associações de bairro, as quais também recebem vínculos enviados por ONGs, como mostrado nas tabelas 5 e 6. Embora essa conexão possa ser um produto do prestígio de ONGs com recursos, nosso breve relato das ONGs de grande prestígio e centrais em ambas as metrópoles mostra que é possível encontrar ONGs historicamente enraizadas e politicamente engajadas ampliando suas atividades e aumentando sua influência política, sem sacrificar sua inserção política e social.

De fato, em ambas as metrópoles um subconjunto de organizações da sociedade civil pertencentes às novas ondas (ONGs, articuladoras e fóruns) foi capaz de desenvolver especialização funcional destinada à influência política e à formação da agenda pública, o que está claramente em desacordo com a tese de despolitização. Especialização implica aqui



o desenvolvimento complementar de papéis – incluindo um conjunto de estratégias e habilidades específicas – entre os tipos de organizações civis reforçando a sinergia e a eficácia para atingir objetivos comuns. Em primeiro lugar, articuladoras e ONGs estão relacionalmente acopladas em ambas as metrópoles. Tendo em conta que articuladoras são atores responsáveis pela coordenação de ação e pela definição de agendas comuns e representação dos interesses das entidades que as criaram, ou que a elas são filiadas, tal acoplamento relacional está associado a uma divisão complementar de trabalho. Em segundo lugar, em São Paulo existe um grupo de atores pertencentes à nova sociedade civil: ONGs, articuladoras e fóruns. Os fóruns trabalham para o adensamento de agendas comuns orientadas dentro da sociedade civil e, congruentemente, são os atores mais heterófilos das organizações civis analisadas em ambas as cidades. O papel funcional complementar de fóruns, ONGs e articuladoras torna possível definir e coordenar agendas comuns entre um conjunto mais amplo de atores, promover essas agendas com as habilidades de *advocacy* das ONGs e acompanhar e representar as mesmas agendas por meio de articuladoras. Esta divisão do trabalho não faria sentido para um conjunto de organizações da sociedade civil que trabalham, principalmente, com prestação de serviços. Mais: tal divisão dificilmente parece implicar oneração das possibilidades de mudança social, como suposto pela tese da despolitização. De fato, foi propositalmente desenvolvida por novas organizações civis que participam ativamente da definição e defesa de prioridades nas políticas públicas, e não apenas na realização de atividades de prestação de serviços.

As evidências apresentadas neste capítulo não nos permitem tratar adequadamente da tese da neoliberalização. No entanto, é plausível supor que esta tese supõe uma série de ONGs orientadas para a prestação de serviços, realizando papéis funcionais à retração do Estado. Como já discutido, este não parece ser o papel das ONGs nas ecologias organizacionais mexicana e paulistana.

Finalmente, este capítulo relatou extensivamente tendências comuns na Cidade do México e em São Paulo, mas há variações entre as sociedades civis aqui trabalhadas. Por um lado, o retrato de uma civil paulistana mais diversificada, especializada e bem conectada, e, por outro lado, de uma sociedade civil mexicana diluída, frouxamente

ligada, menos diversificada e mais apoiada em ONGs (como os sociogramas permitem visualizar). A literatura mexicana contemporânea sobre a sociedade civil é notoriamente mais pessimista do que a brasileira, apontando para a transição política mexicana incompleta e a sobrevivência do corporativismo social como causas do enfraquecimento da sociedade civil. No entanto, explicar essa variação está fora do escopo deste trabalho e exigiria uma estratégia diferente de análise para lidar com variáveis independentes contextuais.

Mesmo assim, ainda seria possível inferir que quanto menor a densidade da sociedade civil (no caso do México), mais propensa está aos perigos da ONG-uização. Nós já revelamos que o perfil retratado pelo diagnóstico da ONG-uização e a ideia de uma tendência substitutiva são falhos. Permanece a preocupação com os movimentos populares. Assim, a perda de importância das organizações populares merece um comentário. Em vez de terem simplesmente desaparecido ou sido substituídas por outros atores, nossa análise permite caracterizar a perda de destaque das organizações populares como uma forma peculiar de protagonismo restrito. Organizações populares ainda têm prestígio e são frequentemente citadas por outros atores (como mostrado nos sociogramas), mas elas são um tipo de ator que não é crucial para qualquer outro tipo de organização civil. É claramente possível interpretar o protagonismo restrito como um sinal de fraqueza, e pode ser assim, em certos contextos, como os dados relacionais mexicanos sugerem; contudo, é também plausível interpretá-lo como uma evidência de que as organizações populares adquiriram uma posição relativamente estável no cenário de uma sociedade civil modernizada e diversificada, a qual não mais enfrenta os desafios da transição política, nem de ser incorporada por um Estado autoritário, e que tem desenvolvido uma série de canais diferentes para influenciar o Estado, como sugerem os resultados brasileiros. Portanto, a perda de importância dos movimentos sociais varia enormemente e seu significado não deve ser sinonimizado como fraqueza da sociedade civil.

O diagnóstico da ONG-uização presumiu implicitamente que, devido a certas características da definição dos movimentos populares, uma população densa e robusta de organizações populares indicaria uma sociedade civil que é mais vibrante e possuidora de mais potencial



de mudança do que uma sociedade civil com outras composições. No entanto, diferentes tipos de organização da sociedade civil desempenham papéis diferentes e têm variadas formas de influenciar a tomada de decisões políticas, bem como a definição da agenda pública. É oportuno lembrar que a governança democrática implica uma constelação de atores sociais diferentes capazes de influenciar a política e as políticas por meio de mecanismos e canais distintos.

ADRIAN GURZA LAVALLE é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP). Ex-Diretor de Pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), e pesquisador e coordenador do Núcleo Ação Coletiva e Democracia (NDAC) nessa Instituição. Pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cebrap) e professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP). É o autor de *Vida pública e identidade nacional – leituras brasileiras* (2004); coorganizador, com Ernesto Isunza, de *La innovación democrática en América Latina: tramas y nudos de la representación, la participación y el control social* (2010); e editor do volume intitulado *O horizonte da política: questões emergentes e agendas de pesquisa* (2012).

NATÁLIA S. BUENO é mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda no Departamento de Ciência Política da Universidade de Yale. Foi pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEM/Cebrap) e membro do Núcleo Ação Coletiva e Democracia (NDAC/Cebrap) (2008-2011).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Jeffrey (1998), *Real civil societies: dilemmas of institutionalization*. Londres, Thousand Oaks/ Sage.
- ALONSO, Jorge (org.). (1988), *Movimientos sociales en el Valle de México*. Cidade do México, Ediciones de la Casa Chata.
- ALONSO, José. (1988), “Los movimientos sociales en el Valle de México, una introducción”, in J. Alonso (org.), *Los movimientos sociales en el Valle de México*. Cidade do México, CIESAS/Ediciones de La Casa Chata.
- ÁLVAREZ, Lucia Enríques. (2005), *Distrito Federal: sociedad, economía, política y cultura*. Cidade do México, CHCH/UNAM.
- ÁLVAREZ, Sonia E. (2009), “Beyond Ngo-ization? Reflections from Latin America”. *Development*, 52, 2:175-84.
- \_\_\_\_\_. (1999), “Advocating feminism: the Latin American feminist ‘Boom’”. *International Feminist Journal of Politics*, 1, 2: 181-209.

- \_\_\_\_\_; DAGNINO, Evelina & ESCOBAR, Arturo. (1998), *Cultures of politics, politics of cultures: re-visioning Latin American social movements*. Boulder, Westview Press.
- \_\_\_\_\_. (1992), “Introduction: theory and protest in Latin America today”, in S. Alvarez; E. Dagnino & A. Escobar (orgs.), *The making of social movements in Latin America: identity, strategy, and democracy*. Boulder, Westview Press.
- ATKINSON, Rowland & FLINT, John. (2001), “Accessing hidden and hard to reach populations: snowball research strategies”. *Social Research Update*, 33, 1: 93-108.
- AVRITZER, Leonardo. (1995), “Transition to democracy and political culture: an analysis of the conflict between civil and political society in post-authoritarian Brazil”. *Constellations*, 2, 2: 242-266.
- BOLOS, Silvia. (1999), *Constitución de actores sociales y la política*. Cidade do México, Universidad Iberoamericana/Plaza y Valdez Editores.
- BORJA, Jordi. (1975), *Movimientos sociales urbanos*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- CARDOSO, Ruth Côrrea Leite. (1994), “A trajetória dos movimentos sociais”, in E. Dagnino (org.), *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo, Brasiliense.
- CARVALHO, Maria do Carmo B. (1998), “Sociedade civil, Estado e Terceiro Setor”. *São Paulo em Perspectiva*, 12, 4: 83-91.
- CASANOVA, Roberto Sanz, & CHACÓN, Oscar Garcia. (2000), *Las Ongs latinoamericanas y los desafíos del desarrollo organizacional*. La Paz, ICCO/PROACTIVA/IDEPRO.
- CASTELLS, Manuel. (1974a), *La cuestión urbana*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- \_\_\_\_\_. (1974b), *Movimientos sociales urbanos*. Cidade do México, Siglo XXI.
- COHEN, Jean, & ARATO, Andrew. (1992), *Civil society and political theory*. Cambridge, The MIT Press.
- COLOUMB, René & MEJORADA, Cristina S. (1997), “El protagonismo emergente de las ONGs de desarrollo sobre la escena de la conflictiva social en la ZMCM: una aproximación”, in R. Coloumb & E. Duhau (orgs.), *Dinámica urbana y procesos socio-políticos*. Cidade do México, Ocim/CENVI/UAM.
- COSTA, Sérgio. (1994), “Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil”. *Novos Estudos Cebrap*, 38: 38-52.
- DAGNINO, Evelina; OLVERA, Alberto & PANFICHI, Aldo. (2006), *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo, Paz e Terra/Unicamp.
- DIANI, Mario. (2003), “Networks and social movements: a research programme”, in M. Diani & D. McAdam (orgs.), *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Nova York, Oxford University Press.



- DURAND, Victor Manuel Ponte. (1994), "El movimiento obrero, el sindicalismo y la transición política en México", in M. P. Durand (org.), *La construcción de la democracia en México: movimientos sociales y ciudadanía*. Cidade do México, Siglo XXI.
- ENCARNACIÓN, Omar G. (2006), "Civil society reconsidered". *Comparative Politics*, 38, 3: 357-376.
- FEINBERG, Richard E.; WAISMAN, Carlos Horacio & ZAMOSC, León. (2006), *Civil society and democracy in Latin America*. Nova York, Palgrave Macmillian.
- FERNANDES, Rubem César. (1994), *Privado, porém público*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- FREEMAN, Jonh & HANNAN, Michale T. (1989), *Organizational ecology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODMAN, Leo A. (1961), "Snowball sampling". *Annals of Mathematical Statistics*, 32, 1: 148-170.
- GURZA LAVALLE, Adrian & BUENO, Natália (2011), "Waves of change within civil society in Latin America: Mexico City and São Paulo". *Politics & Society*, 39, 3: 415-450.
- \_\_\_\_\_. (2010), "Civil society organizations in two Latin American metropolises". *Textos para Discussão*. São Paulo, Centro de Estudos da Metrópole.
- GURZA LAVALLE; Adrian, CASTELLO, Graziela & BICHIR, Renata. (2008), "The backstage of civil society: protagonisms, networks, and affinities between civil organizations in São Paulo". *IDS Working Paper*, 299.
- \_\_\_\_\_. (2007), "Protagonistas na sociedade civil: redes e centralidades de organizações civis em São Paulo". *DADOS*, 50, 3: 465-497.
- HANNAN, Michale. T.; PÓLOS, Lászlo & CARROL, Glenn. (2007), *Logics of organizations theory: audiences, codes and ecologies*. Princeton, Princeton University Press.
- HEVIA, Felipe. (2010), "Patrones asociativos en México más allá de las OSC: notas de investigación". Trabalho apresentado no I Congreso Nacional de Antropología Social y Etnología, setembro, Cidade do México.
- HOUTZAGER, Peter; GURZA LAVALLE, Adrian & ACHARYA, Arnab. (2003), "Who participates? Civil society and the new democratic politics in São Paulo". *IDS Working Paper* 210.
- IBGE (2008), "As Fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil, 2005". Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/fasfil/2005/default.shtm>>. Acesso em junho de 2010.
- ISUNZA, Ernesto. (2001), *Las tramas del Alba: una visión de las luchas por el reconocimiento en el México contemporáneo (1968-1993)*. Cidade do México, Porrúa/CIESAS.
- JIMÉNEZ, Carlos Soares. (2007), "Reflexiones en torno a los sujetos, los actores, los movimientos sociales y la acción colectiva", in C. I. Charry & A. Massolo (orgs.), *Sociedad civil: capital social y gestión local*. Cidade do México, Plazas y Valdes Editores/UA.
- KALDOR, Mary. (2003), *Global civil society: an answer to war*. Cambridge, Polity Press/Blackwell Publishing Ltd.
- KNOKE, David & YANG, Song. (2008), *Social network analysis*. Thousand Oaks, Sage.
- KOSLINSKI, Mariana & REIS, Elisa Pereira. (2009), "Transnational and domestic relations of NGOs in Brazil". *World Development*, 37, 3: 714-725.
- KOWARICK, Lúcio. (1988), *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LANDIM, Leilah. (1996), "Notas para um perfil das Ongs", in L. Landim & L. Cotrim (orgs.), *Ongs: um perfil*. São Paulo, ABONG/ISER.
- MEJORADA, Cristina Sánchez & ÁLVAREZ, Lucía Enríquez. "Gobierno democrático, sociedad civil y participación ciudadana en la Ciudad de México, 1997-2000", in A. Olvera (org.), *Sociedad civil, esfera pública y democratización en América Latina: México*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica.
- OLVERA, Alberto (org). (2003), "Las tendencias generales de desarrollo de la sociedad civil en México", in A. Olvera (org.), *Sociedad civil, esfera pública y democratización en América Latina: México*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica.
- PAOLI, Maria Celia. (2003), "Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania", in B. S. Santos (org.), *Democratizar a democracia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- PETRAS, James. (1997), "Imperialism and Ngos in Latin America". *Monthly Review*, 49, 7: 10-28.
- PLIEGO, Fernando Carrasco (2001), "Panorama de las Organizaciones No Gubernamentales en la Ciudad de México: encuesta 1997". *Cuadernos de Investigación*, 28, IIS.
- RAMIREZ, Juan Manuel Saiz. (1988), "Trabajador y/o colono: ¿una dicotomía en las luchas sociales? La articulación entre el movimiento urbano popular y el sindicalismo independiente", in J. Alonso (org.). *Los movimientos sociales en el Valle de México*. Cidade do México, CIESAS/Ediciones de La Casa Chata.
- SADER, Emir. (1988), *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SCHERRER-WARREN, Ilse. (1996), *Redes de movimientos sociais*. São Paulo, Loyola.



- SINGER, Paul & BRANT, Vinicius (orgs.). (1980), *São Paulo: o povo em movimento*. São Paulo/Petrópolis, Cebrap/Vozes.
- SILLIMAN, Jael. (1999), "Expanding civil society: shrinking political spaces. The case of women's nongovernmental organizations". *Social Politics*, 6: 23-53.
- SCOTT, John P. (1991), *Social network analysis: a handbook*. Thousand Oaks, Sage.
- SKOCPOL, Theda. (1992), *Protecting soldiers and mothers*. Cambridge, Harvard University Press.
- TOURAINÉ, Alain. (1977), "La marginalidad urbana". *Revista Mexicana de Sociología*, 39, 4:1105-42.
- \_\_\_\_\_. (1987), *Movimientos sociales y sistemas políticos en América Latina*. Santiago: OIT.
- WARREN, Mark E. (2004), "What kind of civil society is best for democracy?" *Portuguese Journal of Social Sciences*, 3, 1: 37-47.
- YÚDICE, George. (2004), *The expediency of culture: uses of culture in the global era*. Durham, Duke University Press.